



Michael Polanyi, Colin Clarke e a economia da URSS: o ensaio de Polanyi (1935) e os impactos

Eduardo Beira

Michael Polanyi, Colin Clarke e a economia da URSS: o ensaio de Polanyi (1935) e os impactos

Eduardo Beira

(C) Eduardo Beira, 2018. All rights.

This work is licensed under the Creative Commons

Attribution-Noncommercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To
view a copy of this license, visit

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> or send a letter to Creative
Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California, 94105,
USA.

CONTENTS:

Michael Polanyi, Colin Clark e a economia da U.R.S.S.:
o ensaio de Polanyi (1935) e os impactos
Eduardo Beira

1. Introdução
2. Estrutura do ensaio de Polanyi (1935).
3. As origens
4. O livro de Arthur Feiler (1929)
5. De Michael Polanyi para Karl Polanyi
6. O círculo da Harnack House em Berlim
7. As reações ao ensaio de Polanyi (1935): publicações
 - (a) *Nature*
 - (b) *Financial News*
 - (c) *Daily Workers*
 - (d) *Geography*
8. Reações individuais
 - (a) Karl Polanyi
 - (b) C. G. Renold
 - (c) Ernest Simon
 - (d) Henry Clay
 - (e) Oscar Jaszi
9. Reações soviéticas
10. Impacto bibliométrico
11. Colin Clark
12. O livro de Colin Clark (1939) sobre as estatísticas soviéticas
13. A crítica à *A Critique of Russian Statistics*
 - (a) Maurice Dobb
 - (b) F. Hayeck
 - (c) Michael Polanyi

14. Polanyi, anos 40: revisões críticas de obras sobre a U.R.S.S.

- (a) Sobre Eugene Varga
- (b) Sobre Harold Laski
- (c) Sobre Feiler e Marshack (eds.)
- (d) Sobre A. Baykov
- (e) Sobre S. Prokopovich

15. Colin Clark, doze anos depois

16. Uma reavaliação “a posteriori”

17. Michael Polanyi: do ensaio de 1935 para a conferência de 1937

18. O pleno emprego soviético e a inflação

19. Conclusões

Bibliografia

Notas

1. Introdução

Em 1935 a *The Manchester School of Social Sciences*, revista académica de temas sociais e de economia geral, publicou dois números. A revista era promovida, como o nome indica, pela equipe da Universidade de Manchester (1). Apesar da amplitude do âmbito sugerido pelo nome, a *The Manchester School* foi sempre uma publicação de índole mais económica, cujo posicionamento editorial pretendia associar o trabalho de Universidade com os problemas da forte concentração de atividades industriais à sua volta. O seu primeiro editor foi o economista G. W. Daniels (1878-1937), professor da principal cátedra de economia em Manchester (a cátedra de economia política) e que, na altura, liderava o departamento de economia de Universidade. Daniels foi também o fundador da Economic Research Section no departamento de economia em Manchester, cujo objetivo era promover a investigação em economia aplicada relacionada com a indústria do nordeste britânico. A publicação tinha também por objetivo combinar a economia pura com as “considerações de dados realistas” (2).

O principal responsável operacional pela publicação do *The Manchester School* era J. Jewkes, um docente da faculdade de comércio e administração do departamento de economia da Universidade de Manchester que, na altura, supervisionava também a Economics Research Section e era próximo de Daniels (3). John Jewkes (1902-1988) era um economista liberal cuja amizade e cumplicidade com Michael Polanyi, nos domínios da política e da economia, se estava então a iniciar. Nos anos seguintes, 1937 a 1940, Jewkes seria mesmo o “parceiro” de Polanyi para a produção do “filme económico” (4), tendo sido instrumental no financiamento do projeto, dadas as suas relações anteriores com a Fundação Rockefeller (5). Jewkes passou a liderar a Economic Research Section a partir de maio de 1936.

O segundo número da revista, do volume relativo ao ano de 1935, tem a data de dezembro desse ano e incluía quatro artigos. Um deles era assinado por Michael Polanyi, que dois anos antes tinha vindo para a Universidade de Manchester, emigrado da Alemanha nazi. Polanyi ocupava aí a (nova) cátedra de química física, área em que era reconhecido na altura como um dos melhores especialistas mundiais (6). Mas o artigo de Polanyi nada tinha a ver com química física, ou mesmo com a química em geral, antes tinha muito mais a ver com um dos objetivos então anunciados para a publicação *The Manchester School* - explorar o contributo de dados realistas para a análise económica.

O artigo de Polanyi era sobre um tema altamente polémico e sensível para a altura: uma avaliação e uma desconstrução do sucesso económico que a propaganda soviética anunciava. O título completo era indicativo disso: *U.S.S.R economics - fundamental data, system and spirit*. Os outros artigos nesse número de publicação eram todos de discussão qualitativa de vários temas (7). Na seção de revisões críticas desse mesmo número da revista aparecem nove análises, sendo uma relativa à tradução em língua inglesa de uma obra de Schumpeter sobre a teoria do desenvolvimento económico (8) e ainda do livro de von Mises sobre teoria do dinheiro e do crédito (9). O artigo de Polanyi surpreendia não só pelo tema como pela abordagem metodológica: uma análise quantitativa da economia soviética (hoje falaríamos em algo como uma análise sistémica), baseada nos dados publicados pelos próprios soviéticos, mas recorrendo a uma metodologia de valorização diferente e original.

Pouco meses depois a Manchester University Press publicou o ensaio de Polanyi na forma de um pequeno livro, na altura identificado como um “panfleto”, mas desta vez com um título simplificado: apenas *USSR Economics*. O objetivo era óbvio: facilitar uma maior difusão do artigo de Polanyi junto de figuras relevantes - distribuição em que o próprio Polanyi se empenhou. As cartas existentes nos arquivos mostram que terá sido recebido por personalidades importantes (adiante discutem-se algumas dessas reações) (10).

Uma terceira via deste mesmo ensaio de Polanyi aparece publicada como o capítulo terceiro do livro *The Contempt of Freedom: the Russian experiment and after*, publicado por Polanyi em 1940. O ensaio aparece aí com o título *Soviet economics: facts and theory*. Apesar das alterações no título, as três versões do ensaio quase não têm diferenças - salvo os comentários de Polanyi sobre a crítica entretanto publicada por Colin Clark (1939) e que aparecem incluídos na última versão referida assim como algum rearranjo das notas das tabelas. Três dos quatro ensaios publicados neste livro tinham sido originalmente publicados na *The Manchester School*. Apenas um deles (“o planeamento coletivista”, capítulo 2) era inédito.

Neste trabalho mostra-se que o interesse pelas estatísticas e a economia de USSR não foi algo esporádico nem accidental no pensamento de Polanyi - pelo contrário foi um tema que o interessou de forma persistente ao longo de décadas - pelo menos desde fins dos anos 20 até meados do século XX. O ensaio de 1935 não foi um epifenómeno.

Também a abordagem quantitativa e sistémica de Polanyi no tratamento de economia soviética reflete a sua abordagem inicial de índole “científica” para as

temáticas sociais, algo que vem já dos seus tempos de Berlim e que teve continuidade depois nos anos em Manchester, em paralelo com a investigação em química física. Por outro lado, argumentamos que a abordagem essencialmente quantitativa adotada foi também precursora das mudanças que as ciências económicas haviam de conhecer depois dos anos 40.

A análise proposta por Polanyi teve impactos importantes, inclusive para o forte debate ideológico então em curso, nos anos entre as duas guerras. Como é óbvio, uma crítica técnica deste tipo não poderia deixar de ser objeto de debate político.

Passaremos em revista os comentários de algumas figuras contemporâneas de Polanyi e as revisões críticas do ensaio - mas também as implicações que o ensaio teve em Moscovo, através de correspondência inédita que ilustra bem o clima social desses anos na USSR, considerando as eventuais suspeitas que o ensaio de Polanyi poderia suscitar, em pleno período de terror estalinista, relativamente aos interlocutores e família de Polanyi então residente na zona de Moscovo.

O ensaio de Polanyi tem uma importância na história económica que não lhe tem sido reconhecida: foi precursor na análise de uma economia importante (soviética, neste caso) usando os conceitos de rendimento nacional comparado por uma metodologia inovadora de valorização dos bens numa perspetiva de poder aquisitivo equivalente, precisamente quando essa metodologia estava a começar a ser desenvolvida e aplicada numa perspetiva de contas nacionais - o que acontecia nessa altura com os trabalhos de Colin Clark, Richard Stone e até mesmo de J. M. Keynes, assunto que discutiremos mais adiante.

A importância da contribuição de Polanyi pode ser medida pela importância e impacto do trabalho posterior de Colin Clark sobre as estatísticas soviéticas (11), que se inspirou claramente no ensaio de Polanyi, como aliás reconheceu de forma explícita e inequívoca, tendo confirmado as suas conclusões no essencial. Por isso trataremos também a obra de Colin Clark e a sua avaliação de economia soviética.

Finalmente, discutem-se vários escritos de Polanyi, revisões críticas de obras sobre a economia soviética, alguns dos quais inéditos, outros menos conhecidos ou mesmo ignorados na bibliografia de Michael Polanyi, os quais mostram a continuidade do tema e a persistência do seu interesse pelo assunto até ao final da década de 40, pelo menos.

Este ensaio de 1935 é habitualmente considerado o primeiro artigo de Polanyi publicado sobre economia e temas de ciências sociais, marcando o princípio da divergência dos seus interesses relativamente à química física, escassos dois anos

depois de assumir essa cátedra na prestigiada Universidade de Manchester. Como se mostra adiante, é possível começar a identificar essa preocupação mais atrás, por volta de 1928/29, pelo menos.

Para além de um ensaio sobre economia ou teoria económica, este ensaio é também sobre a organização social da economia e uma crítica a uma sociedade planificada centralmente. Faz, por isso, parte do seu combate por uma filosofia política liberal renovada - uma renovação para a qual Polanyi advoga os novos contributos “científicos”. Pouco tempo depois, em 1937, Polanyi fez uma conferência relativa aos vinte anos da revolução russa onde retoma os comentários finais deste ensaio, sugerindo a importância da mobilização social e dos ensinamentos da revolução russa sobre as formas de inspiração das massas (12).

2. Estrutura do ensaio de Polanyi (1935).

O ensaio divide-se em quatro secções. As secções I e II do ensaio de Polanyi sobre a economia soviética discutem os “factos”, a parte III trata do “sistema” e a parte IV diz respeito ao “espírito” da sociedade soviética, conforme anunciado no título completo da primeira versão publicada do ensaio..

Uma mensagem importante do ensaio de Polanyi é avançado logo no início: a “visível melhoria na vida económica” registada na USSR deve-se à “rápida difusão do mercado” (e não à sua eliminação). O sistema económico soviético terá abandonado o comunismo inicial utópico e adotou antes um regime “socialista” que incorpora vários dos mecanismos económicos do capitalismo. Polanyi escreve que “os comunistas reinaram num país não socialista” e afirma que os seus sucessos se devem precisamente ao progressivo afastamento do modelo comunista. Esta tese seria retomada, dez anos depois e aparentemente de forma autónoma, por Nicholas Timasheff numa obra influente, *The great retreat*, publicada em 1946 (13).

A introdução de mercados abertos para produtos de consumo na economia soviética permitiu “estimar um nível de preços e calcular os valores [dos bens] em termos monetários”, o que por sua vez abre uma oportunidade de comparação alternativa dos rendimentos e, com isso, um olhar diferente sobre a realidade soviética. Esta é uma das inovações mais importantes introduzidas pelo ensaio de Polanyi: a comparação do rendimento dos trabalhadores soviéticos e dos resultados anunciados do primeiro plano quinquenal numa base de preços alternativa à que os soviéticos usavam oficialmente. Polanyi recorreu à valorização dos bens soviéticos com base nos seus valores equivalentes no mercado livre do Reino Unido - uma inovação metodológica relevante.

A parte I do ensaio (“o corpo social”), sistematiza os temas populacionais e a sua distribuição rural e urbana, a produção alimentar nos campos e a sua distribuição nas cidades, o rendimento e as condições habitacionais das populações rurais e a habitação urbana. Conclui que a alimentação média diária de população soviética é muito rica em calorias (mais de 4000 calorias por dia e por pessoa!), mas deficiente em gordura e proteína. Mais tarde Clark mostraria um erro quase primário na estimativa de Polanyi para o valor calórico diário. Mas, na mesma base, a dieta pouco tinha melhorado desde 1913 (quando já era comparativamente baixa). Conclui ainda que “os camponeses aplicam mais do que metade do seu trabalho nas suas próprias parcelas privadas e obtêm cerca de metade dos seus alimentos a partir daí”. Sobre a fraca habitação rural

conclui que pouco melhorou durante a revolução e que a habitação urbano parece ser pouco melhor do que a rural, numa base per capita.

A estimativa do rendimento mensal médio por trabalhador assume um papel importante para estimar o rendimento nacional total e constitui um dos pontos centrais de metodologia do ensaio. Polanyi chega a um valor equivalente a pouco mais de 50 xelins, numa base equivalente para um trabalhador britânico e que esse rendimento pouco ou nada se terá alterado desde 1913, a preços constantes. Posteriormente Colin Clark argumentou que o valor seria mais próximo de 70 xelins (14) e Polanyi, por sua vez, reviu depois a estimativa de Clark para cerca de 60 xelins (15) contra a sua estimativa inicial de cerca de 50 xelins, diferença já pouco relevante, na sua opinião. Uma estimativa dessa ordem de grandeza significava que, a preços comparáveis, o rendimento de um trabalhador soviético continuava a ser muito inferior ao rendimento médio de um trabalhador britânico (cerca de cinco vezes menos, como se verá mais adiante).

Ainda nesta primeira secção, Polanyi passa em revista a protecção da saúde (onde assinala os esforços consideráveis feitos, apesar de taxa de mortalidade continuar a ser cerca do dobro da observada nos países ocidentais), o sistema educativo (superior e não superior) e, finalmente, as indústrias pesadas. Uma avaliação comparativa do investimento feito e da produção conseguida era certamente muito relevante numa altura em que a propaganda oficial soviética anunciava enormes ganhos na produção de bens de capital, na sequência do primeiro plano quinquenal. Numa base de preços constantes (libras esterlinas em 1934) Polanyi conclui que a produção da indústria pesada terá aumentado mais do que 2.5 vezes entre 1927 e 1934, enquanto que a produção da indústria ligeira (bens de consumo) pouco se teria alterado durante o período da revolução.

A secção II do ensaio (“o sistema económico”) retoma a ideia do sistema económico soviético não seguir realmente o modelo de economia totalmente planificada: “o primeiro e segundo planos quinquenais não são sistemas de economia planeada, mas apenas sistemas de produção planeada, e mesmo isto é um exagero”. Apesar de Polanyi se declarar convencido que “qualquer retorno à propriedade privada privado é impossível na URSS”, acontece que no “socialismo” de Estaline então prevalecente:

Cada pessoa deve tentar fazer o melhor das suas capacidades, de modo a ganhar promoções e um rendimento mais elevado. Cada negócio deve usar os seus recursos de forma a assegurar o melhor dos retornos. Cada

consumidor deve comprar em qualquer loja o artigo que quer, pelo melhor preço a que o consegue obter. O mecanismo deste sistema económico do socialismo é quase idêntico ao do capitalismo, a principal diferença sendo que a "propriedade" não é transferível por contrato particular, pois o governo nomeia os seus "donos" (gerentes). (16)

Sendo assim, a gestão pública e colectiva desenvolvem-se segundo linhas semelhantes às do mercado capitalista, pelo menos em parte. Mas Polanyi considera que a gestão do Estado por uma burocracia ligada à classe operária é uma expressão nova, e válida, da consciência económica dos trabalhadores.

Polanyi tenta quantificar, por rubrica e de modo alternativo e independente, o grau de concretização (muito variável) do primeiro plano quinquenal na indústria pesada e chama a atenção para o facto do plano global prever inicialmente um aumento de 55% na produção agrícola, mas que depois o que aconteceu foi antes uma “quebra muito grave”.

Na secção III (“ultrapassar e superar os países capitalistas”) Polanyi reflete sobre a retórica desenvolvimentista e competitiva dos soviéticos relativamente ao ocidente capitalista, especialmente forte no período entre as duas guerras. Polanyi identifica a baixa eficiência, nível de qualidade e pobreza da economia soviética. Mas “o problema principal é saber o que fazer com a população agrícola”: “dada a sua dimensão, a U.R.S.S. poderá em breve tornar-se um país muito poderoso, mas continuará a ser uma terra muito pobre durante toda a vida de qualquer pessoa que ainda se lembre da revolução de 1917”.

Na última secção (secção IV, “a força diretriz de U.R.S.S.”), Polanyi abandona a abordagem quantitativa seguida nas secções anteriores e avança com um conjunto incisivo de comentários sobre a sociedade soviética. Recorda que “em todas as vezes em que estive na U.R.S.S. fiquei impressionado com o espírito voluntarioso prevalecente no país” e reconhece a generalização da esperança no sucesso pessoal entre as massas trabalhadoras: “Todo o trabalhador tem a certeza de um trabalho, e tem a esperança de conseguir um emprego muito melhor através do trabalho duro e da melhoria da sua competência” e, por outro lado, “as oportunidades de educação oferecidas aos trabalhadores e aos seus filhos abrem um caminho ainda mais amplo para a promoção”, donde resulta “um espírito pioneiro que permeia a população”. Estas impressões terão inspirado considerações posteriores de Polanyi sobre a educação das massas numa sociedade liberal.

3. As origens

O interesse de Michael Polanyi pela economia soviética e pela nova experiência russa de organização social não nasceu em Manchester, depois de Polanyi ter emigrado para o Reino Unido, em 1933. É antes uma continuação de reflexões e análises da experiência soviética, pelo menos desde a segunda metade da década de 1920 .

Para isso terá também contribuído uma primeira visita de Polanyi a Moscovo, em 1928, a convite do físico soviético Abram Joffé (1880-1960). Nessa visita Polanyi registou algumas das suas impressões numa caderno de notas, em alemão: “o sistema económico funciona tão mal que não se pode usar o seu resultado para julgar quais são os princípios que são fundamentais ou dúbios. Está tudo permeado por um fanatismo brutal e estúpido, que considera todas as outras opiniões como absurdas e maliciosas” (17).

No ano seguinte, Michael desafia o seu irmão Karl, numa carta escrita no final de 1929, a contestar a sua análise crítica de uma obra de uma visitante recente (Arthur Feiler) à URSS , publicada nesse mesmo ano (18).

Polanyi trabalhava então no Kaiser Wilhelm Institute (KWI), em Berlim. Juntou aí, à sua volta, um grupo de jovens cientistas, economistas e pensadores sociais num círculo de reflexão que habitualmente reunia na chamada Harnack House (do Instituto Max Planck, casa mãe do KWI). É com esse grupo que Polanyi desenvolveu, nessa altura, muita da sua reflexão fora da química física e onde começa a sua clara deriva progressiva para as ciências sociais e para o pensamento filosófico.

Uma das amizades intelectuais mais próxima e íntima de Polanyi foi a economista e jornalista Toni Stolper, com quem Polanyi manteve depois uma correspondência ao longo de toda a vida e com quem partilhou muito das suas preocupações intelectuais sobre a sociedade liberal. Em conversa com William Scott, biógrafo de Polanyi, Toni Stolper identificou a cultura científica de Polanyi como instrumental para a sua crítica precoce da propaganda soviética (19). Isso acontece precisamente numa altura em que essa propaganda atingia picos de popularidade junto dos intelectuais e das massas ocidentais, gerando ondas de expectativas e esperanças com base na anunciada eliminação do desemprego e nos sucessos de um modelo social alternativo.

Na realidade, a abordagem inicial de Polanyi caracteriza-se pela sua esperança em aplicar com sucesso as metodologias sistémicas das ciências naturais às realidades sociais e económicas. Pouco depois de chegar a Manchester, a deriva social de Polanyi continua, como é bem patente num documento altamente elucidativo que Polanyi

escreveu em 1937, com vista a estabelecer uma seção de investigação para criar “um corpo de conhecimento da vida económica e das políticas públicas” e fazer um “estudo dos erros e falácias sobre assuntos económicos” com vista à educação de massas por novos métodos modernos de apresentação desse conhecimento (20).

“*URSS economics*” terá sido o primeiro resultado mais visível desses cinco ou seis anos, entre 1929 e 1935, em que os interesses de Polanyi continuam a ser muito mais do que os temas científicos da química física e se alargam à análise crítica das questões económicas e sociais.

4. O livro de Arthur Feiler (1929)

O jornalista alemão de economia e negócios Arthur Feiler (1879-1942) publicou em 1929 uma obra, em alemão, sobre a “experiência bolchevique”, na sequência de uma visita à URSS no período de março a junho de 1929, na companhia da sua mulher. Nessa visita teve oportunidade de ver coisas “impressionantes e estupendas”, segundo as suas palavras no prefácio do livro. A versão inglesa do livro foi publicada em Londres, em 1930, traduzida por Henry James Stenning (1889-1971), tradutor de várias obras sobre socialismo e União Soviética, especialmente durante as décadas vinte e trinta.

Feiler trabalhou para o prestigiado *Frankfurter Zeitung*, de 1903 a 1930, altura em que era o editor de política. Tendo-se doutorado em 1923, ensinou na Universidade de Frankfurt am Main até final de 1931. Emigrou para os EUA no verão de 1933 e aí veio a ensinar na New York's Graduate School of Political and Social Science. Publicou vários trabalhos sobre a União Soviética, especialmente durante a década de 30.

Em 1929, aquando da visita de Feiler que inspirou o livro, a U.S.S.R. estava a sair do período da Nova Política Económica (de Lenine) e a entrar na fase do primeiro plano quinquenal (de Estaline). Aliás 1929 é também habitualmente considerado como o primeiro ano de chamadas “segunda ofensiva socialista” (21). Nesse ano o Congresso do Partido aprovou o primeiro plano quinquenal em Abril e Lenine decretou a liquidação dos **kulaks** em dezembro, abrindo o caminho para o desastroso processo de coletivização da agricultura.

Feiler ficou, em geral, surpreendido com o que viu e assumiu que algo de novo estava a acontecer na União soviética. Estava a despontar um grande esforço de reconstrução por uma nova geração, de que o primeiro plano quinquenal era uma expressão privilegiada. As expectativas eram muito grandes: “O novo comunismo agrário reflete uma nova fase da sua aplicação, assim como os métodos das políticas industrial e do trabalho, agora mais claramente enfatizados, assim como os objetivos bolchevistas em geral” (22)

No capítulo sobre o plano quinquenal (23) este é referido como uma “experiência gigantesca” para coroar o trabalho de reorganização económica da U.S.S.R., um plano “omnipotente (pelo menos na intenção) e totalmente abrangente (pelo menos, em desejo)” para ser implementado de uma forma tão dura e impiedosa como consistente e resoluta, tal como costuma ser o controlo político”(24). O aumento de produção ambicionado é classificado como “extraordinário”: “50% para a agricultura, durante cinco anos. Mas o aumento de produção industrial esperado é ainda muito

maior” (25). Neste capítulo Feiler apresenta três tabelas com dados quantitativos sobre o plano quinquenal, visto globalmente (26).

Outro capítulo importante do livro de Feiler é dedicado ao “comunismo agrário” (27) onde a “cooperativa de camponeses se está a transformar numa fábrica agrária, com um gestor vermelho e um agrónomo na chefia”, o que Feiler vê como uma concretização da aliança entre camponeses e trabalhadores tão citada por Lenine. “Um espantoso processo de transformação foi posto em movimento; um processo que se estenderá por décadas, se entretanto não falhar” (28).

Apesar de alguns aspetos críticos, a obra de Feiler mostra um entusiasmo genuíno pela experiência do socialismo na Rússia e reflete as esperanças de muitos europeus nessa altura - parecia estar a emergir uma nova forma de organização social, com grandes expectativas morais e igualitárias. Sob este aspeto, o livro de Feiler tem algumas semelhanças com o livro dos Webbs, publicado meia década depois (29). Feiler assinala a força de idéia de “um homem coletivizado, a viver coletivamente uma existência coletivizada e a pensar, sentir e ambicionar coletivamente. E o bolchevismo já fez progressos consideráveis na moldação deste homem coletivo”. Sobre a questão da ditadura e da liberdade escreve: “Não me vou alargar aqui sobre as cadeias, políticas e intelectuais, que a ditadura impõe hoje em dia sobre o povo russo. Esta ditadura é uma necessidade do presente, que se transformará por si. E não podemos fazer mais do que esboçar a questão ainda não resolvida de saber qual o aspeto com que a liberdade intelectual se vai apresentar, depois de abolição de ditadura, com um sistema económica nacionalizado de cima até baixo” (30).

Apesar da admiração de Feiler pelos esforços da ditadura do proletariado, o final do livro parece antes sugerir um caminho alternativo para a Europa, que “é um caminho para a justiça social, para a liberdade e para a dignidade humana, combinada com o objetivo de proteger o direito do homem à sua própria personalidade das forças que o ameaçam submergir” (31). Um epílogo, adicionado na primavera de 1930, admite tensões e fissuras na execução do programa quinquenal, em especial associadas com a coletivização agrícola, ao nível das aldeias, como a burocracia e com a perseguição religiosa. Feiler reconhece aí que os casos de revoltas de camponeses podem ser sintomas de mais do que uma revolta contra a pobreza - mas também contra a destruição da família individual camponesa e contra a opressão religiosa (32).

5. Entre Michael Polanyi e Karl Polanyi

Talvez tenha sido por sugestão de Karl que Michael Polanyi leu o livro de Feiler. É manifesto que Polanyi não apreciou tudo o que leu. No dia de Natal de 1929, porventura depois da ceia, Polanyi começou a escrever uma longa carta ao seu irmão (33), cuja escrita se prolongaria por vários dias.

Michael Polanyi começa por lamentar não estarem juntos nesse natal, mas de imediato anuncia querer, pelo menos, aproveitar a oportunidade para uma “pequena discussão”: “Li o livro de Feiler. Tem dois erros (com méritos óbvios): (a) não tira conclusões definitivas e (b) não faz um tratamento quantitativo. Não posso ajudar com o primeiro problema, mas tenho uma palavra a dizer sobre o segundo”.

A escrita de carta prolongou-se pelos dias 26 e 29 de dezembro, o que sugere um empenho significativo de Michael Polanyi em desafiar o irmão para a discussão crítica que propõe. Conhecidas as diferenças que começavam a despontar entre os dois sobre a avaliação da experiência soviética, esta carta não pode deixar de ser vista como um desafio para o combate de idéias.

Scott e Moleski (2005) dão alguma informação sumária sobre a crítica de Polanyi nessa carta (34). Trataremos mais extensivamente o argumento, a partir do manuscrito original. Polanyi assinala discrepâncias entre os números de Feiler e as estatísticas oficiais, duvida da realidade dos biliões de kilowatts anunciados assim como das necessidades de capital estimadas e tenta fazer uma comparação das estimativas do plano quinquenal com os valores relacionados das estatísticas alemãs. Com esse exercício conclui que a USSR, com o dobro da população da Alemanha, é quatro a cinco vezes mais pobre (per capita) e tem uma produção industrial (per capita) dez vezes mais pequena. Como o plano quinquenal prevê duplicar a produção industrial, a indústria deverá expandir-se para uma dimensão de cerca de um terço a metade da indústria alemã, apesar da dificuldade de uma valorização realista da produção industrial soviética, inclusivé pela qualidade inferior dos bens produzidos. E duvida da rentabilidade e realismo das expectativas anunciadas para o crescimento da produção agrícola, incluindo aí a produção mecanizada de cereais em explorações de muito grande dimensão.

Michael Polanyi critica ainda Feiler por não incluir informação sobre os preços obtidos nos próprios pontos de venda (tal como ele próprio os coligiu durante a sua visita recente) oferecendo apenas os valores anunciados oficialmente. Segundo a sua experiência pessoal, os produtos de consumo custariam (em Moscovo) cerca de 5 a 10 vezes mais do que na Alemanha.

No final da carta Michael conclui que o livro de Feiler não ajuda na avaliação do bolchevismo, dada a representação inadequada e acrítica dos factos económicos, com múltiplos erros técnicos, apesar de fazer uma descrição simpática das pessoas que aí labutam - mas sem clarificar os sentimentos que as movem. Depois de ler o livro “sabemos tão pouco como no princípio: o que é que a experiência soviética testa, como é que isso pode encontrar aplicação e o que é que aí há de excitante”. E Michael acrescenta: “É tempo de recordar, sem rodeios, que originalmente o socialismo pretendia aliviar o fardo de pobreza. A idéia alternativa de criar antes uma pobreza mais nobre e igualitária é uma constatação do terrível insucesso ... Fico indignado com o ignorar indulgente das crueldades da revolução, que se enfurece contra a vida, a liberdade, a verdade, ano após ano”.

Michael Polanyi acusa por isso Feiler de uma atitude moral unilateral. E fecha a carta renovando o desafio ao irmão e pedindo-lhe “que diga claramente o que é que pensa de tudo isto”. Desconhecemos se Karl terá respondido por escrito, como Michael lhe pedia. Mas esta carta mostra uma análise claramente precursora do ensaio publicado por Michael em 1935. A carta sugere mesmo que, na altura, o seu envolvimento com as estatísticas económicas soviéticas era já significativo e reconhecia a si próprio alguma autoridade sobre o assunto.

6. O círculo da Harnack House em Berlim

Em 1930 Polanyi formou um grupo de discussão e reflexão acerca de questões sociais e políticas. O grupo envolveu simultaneamente cientistas e economistas, que se reuniam na Harnack House, uma espécie de clube privado do Kaiser Wilhelm Institute (KWI) e do Instituto Max Planck, de que o KWI fazia parte. Polanyi referia na carta de convite que esperava que a “participação de pessoas treinadas como cientistas possa dar um caráter especial a essas reuniões e que isso possa ser de interesse para os economistas participantes” (35).

Uma das primeiras reuniões do grupo serviu para discutir o primeiro plano quinquenal de U.R.S.S., sob orientação da economista Toni Stolper (36). Mais tarde, na entrevista já referida, Toni comentou a William Scott, biógrafo de Michael Polanyi, que “o espírito crítico e a abordagem científica de Michael [Polanyi] cedo fizeram dele um dos raros críticos factuais perante a avalanche de propaganda a partir de Moscovo” (37). A carta de Michael para Karl é um dos primeiros escritos que refletem essa abordagem de Polanyi à economia e que, cinco anos depois, resultaria no seu ensaio de 1935 sobre a economia soviética.

Karl Sollner, próximo de Polanyi mas que não fazia parte dos convidados por Polanyi para o grupo de reflexão, comentou depois, também uma entrevista com William Scott, que esse terá sido precisamente o “momento exato em que Polanyi se começou a desinteressar pela física química” (38). Karl Sonner (1903-1986), de origem austríaca, era especialista em química física e biofísica e trabalhou com Polanyi no Instituto de Química Física e Eletroquímica do Kaiser Wilhelm Institute em Dahlem, Berlim, como investigador na equipe de Herbert Freundlich. Em 1933 foi despedido do Instituto devido às suas origens judaicas, tendo emigrado primeiro para o Reino Unido e depois (em 1937) para os EUA.

James Crowther foi “correspondente científico” do *The Manchester Guardian* e um dos pioneiros britânicos desse tipo de jornalismo. Em 1930, pouco depois de integrar a equipe do jornal britânico, passou três meses em Berlim, onde visitou o KWI e falou com Polanyi no Instituto de Química Física. Polanyi, por sua vez, apresentou Crowther a Fritz Haber, o famoso químico alemão que era então o líder do Instituto. Daí resultou um longo artigo de Crowther no *The Manchester Guardian* (39) sobre a organização de investigação científica alemã e ainda um outro artigo no *The New York Times* (40) com materiais da entrevista com Haber.

Cerca de quarenta anos depois, Crowther recordou essa visita no seu livro *Fifty years in science* (1970) onde escreveu que Polanyi o convidara para uma “discussão de

temas intelectuais e filosóficos de interesse geral” em que participaram cientistas de várias origens. A reunião teve lugar na Harnack House, “um clube e instituição cultural em que os cientistas dos vários laboratórios do KWI e de outras instituições se encontravam para a discussão social e intelectual assim como para recreio” (41).

A reunião impressionou vivamente o jornalista britânico: “foi uma discussão intelectual dirigida informalmente [por Michael Polanyi], de um tipo que eu não tinha visto em Inglaterra”. Polanyi instalou-se no “centro de um círculo, numa sala confortavelmente mobilada, com vinte a trinta colegas sentidos à sua volta, que mantiveram uma discussão socrática”. Crowther comentou que “embora os tópicos discutidos fossem contemporâneos, senti que eram vistos como se fossem exteriores; a divisão entre a alta vida intelectual e o ribombar brutal dos acontecimentos subjacentes era uma das características mais importantes da república de Weimar”. E acrescentou: “fiquei com a impressão que a brilhante eflorescência científica no período da república de Weimar tinha uma vida intelectual por si, acima de indústria e do povo, apesar de integração de muita da investigação científica com a indústria. O carácter cosmopolita de Berlim enfatizava essa divisão” (42).

Pouco depois de assumir a cátedra de estudos sociais na Universidade de Manchester, em 1949, já no pós-guerra, Polanyi terá reencontrado o seu antigo “diário” manuscrito e relido uma nota que escrevera em janeiro de 1929. Adicionou então uma nova entrada manuscrita sobre o *Arbeitsgemeinschaft*, o tal grupo de reflexão dos tempos do KWI e da Harnach House:

“Retomo este diário depois de um intervalo de dezanove anos. O grupo de reflexão [*Arbeitsgemeinschaft*] mencionado em 17 de janeiro de 1929 deu todo o tipo de frutos. von Neumann (43) escreveu um livro sobre jogos e teoria económica. Szilard (44) e eu tornamo-nos professores de ciências sociais. Lembro-me de outros do círculo: F. London (45), Wigner (46), Marshack (47), os Stolpers (48). A tendência para se afastarem da ciência [natural] tornou-se generalizada. Eu visitei Berlim em dezembro do ano passado e falei na Harnach House. Resta muito pouca paixão científica. [Têm escrito] um grande número de publicações em ciências sociais e assuntos de filosofia e parecem passar bem sem as revistas científicas” (49).

É uma reflexão ou confissão cândida, e mesmo surpreendente, que sugere a atração (ou deriva) pelas ciências humanas e sociais por esse grupo impressionante de

cientistas de grande qualidade e até mesmo uma quase menorização de ciência dita “dura”, a favor de uma reflexão mais envolvente sob o ponto de vista humano e social.

Polanyi realmente (re)visitou Berlim depois de guerra, em 1946, para uma homenagem a Haber (50). A homenagem consistiu numa “rededicação” de uma árvore (um limoeiro) que tinha sido plantada pelos amigos e alunos de Haber em frente de entrada do Instituto e que tinha uma inscrição alusiva numa placa de pedra que os nazis haviam retirado depois da sua saída. Posteriormente Polanyi escreveu um texto sobre essa ocasião em que apelava para a reintegração dos cientistas alemães que tinham resistido ao nazismo no trabalho de investigação científica e na comunidade científica. (51). Terá sido nessa ocasião Polanyi terá voltado à Harnach House.

7. As reações ao ensaio de Polanyi (1935): publicações

(a) *Nature*

Em junho de 1936, a revista *Nature* fazia eco do artigo de Michael Polanyi na *The Manchester School*, que entretanto tinha sido publicado também pela Manchester University Press. “Este artigo, baseado no estudo de documentos oficiais e nas observações feitas pelo autor durante as suas numerosas visitas à Rússia soviética, oferece uma descrição das tendências recentes para além de de propor um esboço geral de economia soviética”.

A nota da revista (52) sumaria alguns números relevantes de Polanyi sobre população, produção e infraestruturas, mas omite o objetivo principal de Polanyi: tentar comparar a riqueza per capita entre a URSS e o Reino Unido, antes e depois do primeiro plano quinquenal.

(b) *Financial News*

O *Financial News* (1884-1945) foi um jornal importante nos anos 30, quando concorria com o *Financial Times*, com o qual se havia fundir mais tarde, no fim de guerra. A 2 de março de 1936 o *Financial News* publicou uma revisão crítica (não assinada) do ensaio de Polanyi, em conjunto com o *U.S.S.R. Handbook* e um outro livro com discursos de Litinov, então ministro russo dos negócios estrangeiros, sobre as relações com o Paraguai (53).

As dificuldades de ver claro nessa altura são bem assinaladas: o ensaio de Polanyi e o *Handbook* mostram a “dificuldade da objetividade”, sendo ambos amplamente baseados em dados estatísticos. O texto assinala que a dificuldade em estabelecer a verdade sobre a realidade soviética encontra três obstáculos fundamentais: (a) a quase impossibilidade de abordar o fenómeno com um espírito objetivo; (b) o permanente fluxo de acontecimentos, que rapidamente desatualizam os números, “até mesmo o recente trabalho monumental dos Webbs”; e (c) a grande dimensão e variedade da U.R.S.S.. O autor da revisão assinala as diferenças entre a análise de Polanyi sobre o primeiro plano quinquenal e o *Handbook*, este último dizendo-se também baseado em informação compilada em documentos oficiais recebidos da U.R.S.S. “Quando se acaba de ler o ensaio do Professor Polanyi ficamos com uma imagem mental de uma sociedade cujos fins, de valor duvidoso em primeiro lugar, se vão confundindo e divergindo por causa da ineficiência, inabilidade e força das circunstâncias. Folheando o *Handbook* ficamos com uma imagem inversa, de uma

sociedade conseguindo avançar triunfalmente para cumprir um propósito sublime”. E reconhece que “não se pode negar que o prestígio externo da U.S.S.R. no mundo aumentou imenso nos últimos cinco anos”.

(c) *Daily Workers*

O *Daily Workers* era, desde 1930, o jornal do partido comunista britânico (passou a *Morning Star* em 1966). É claro que um artigo crítico como o de Polanyi, ainda por cima escrito por um cientista e académico reconhecido internacionalmente, não podia passar despercebido junto dos comunistas, então profundamente empenhados na defesa da “experiência soviética”.

Para criticar o ensaio, recorrem a outro académico, Maurice Dobb (1900-1976), era na altura docente na Universidade de Cambridge (54). Dobb foi um dos principais economistas marxistas do século XX. Tinha aderido em 1920 ao partido comunista britânico e foi um dos revolucionários britânicos mais importante nessa altura. Na edição de 23 de março de 1936, o *Daily Workers* dedicou uma página completa ao assunto, intitulada “Review by Maurice Dobb. An Author Makes Some Odd Mistakes About The U.S.S.R.” (55). Dobb refere-se a “um pequeno estudo curioso que tem um ar de objetividade e autoridade mas que, quando examinado, contém um número bizarro de erros”. No texto fala de um “relatório” publicado num “revista académica de economia” chamada “*The Manchester School*”, mas em todo o texto nunca cita o nome de Polanyi (56).

A crítica de Dobb é pouco factual e, por vezes mesmo confusa, andando à volta de pormenores e não do essencial do ensaio de Polanyi. Por um lado fala em “filosofia de terceira categoria” e um “enviesamento bem definido do autor”, mas por outro lado realça as várias avaliações positivas de Polanyi sobre alguns aspetos da evolução da sociedade soviética para argumentar a seguir com as “contradições” do autor. Como seria de esperar a observação de Polanyi sobre a evolução do modelo soviético para um capitalismo de Estado e um “socialismo estalinista” com mecanismos idênticos ao do capitalismo, onde “cada um deve fazer o melhor uso das suas capacidades para poder ser promovido e ter um rendimento superior” mas onde a propriedade não é transferível, merece sérios reparos a Dodd: “o facto da propriedade privada e do capitalista privado não existirem aparentemente não tem qualquer importância [para Polanyi]”.

Dobb tenta desmontar alguns cálculos de Polanyi sobre a evolução de indústria pesada soviética, mas faz (ou tenta fazer) uma confusão entre a variação da produção

anual de indústria pesada e o valor acumulado dessa variação ao longo do período de tempo do plano. Questiona também as valorizações de Polanyi com base no argumento habitual sobre qual seria a taxa de câmbio adequada para a conversão do rublo e invoca inclusive “as minhas fontes de informação”.

Mas Dobb não aborda a questão mais importante do ensaio de Polanyi: a comparação muito desfavorável entre a riqueza anual per capita do trabalhador soviético, e sua evolução, quando comparada com a de um trabalhador do Reino Unido, antes e depois do primeiro plano quinquenal, numa base comum de poder aquisitivo.

(d) *Geography*

Finalmente, a revisão publicada na revista *Geography*, em março de 1936, não assinada, apresenta um denso resumo estruturado dos números organizados por Polanyi, depois de assinalar que “esta valioso ensaio resulta de visitas repetidas à Rússia por um cientista de alta integridade e tendo em mente a objetividade”.

Assinala que, “sob Estaline, o comunismo foi relegado para um futuro incerto e o socialismo está a ser definitivamente institucionalizado com melhorias marcantes na vida económica, na sua opinião. Com a introdução de um mercado aberto para bens de consumo é mais fácil calcular níveis de preço e valores em termos monetários” (57).

8. Reações individuais

Polanyi enviou cópias do artigo para amigos e conhecidos. Provavelmente cópias de versão editada na forma de panfleto pela Manchester University Press, em 1936. Discutimos algumas reações relevantes conforme cartas nos arquivos (RPC), começando pelo seu irmão Karl Polanyi

(a) Karl Polanyi

Nagy (1994) afirma não existir qualquer carta para Karl ou manuscrito anterior a 1935 que permita seguir os desenvolvimentos iniciais do quadro teórico de Michael (58). Ora isso não é verdade, como mostra a carta de 1929, anteriormente discutida.

Em 1935, há uma carta de Polanyi para Karl (59), onde Polanyi discute alguns aspetos do seu ensaio sobre a economia soviética. Provavelmente terá enviado ao irmão uma versão preliminar do artigo, antes de sua publicação. Karl responde dois dias depois, a 15 de julho, numa carta manuscrita, também em língua húngara (60).

Nagy associa a carta de 1935 a uma reação de Karl ao ensaio “Verdade e propaganda” (61) que Michael publicou também no *The Manchester School* - mas só no ano seguinte, 1936. Em 1935 havia publicado apenas o ensaio “USSR economics”. Logo a crítica que Nagy vê na missiva de Karl para Michael em 1935 é antes uma reação a este ensaio sobre a economia soviética (o que vem, de algum modo, na continuidade de carta de Michael para Karl cerca de cinco anos atrás) e o sentido da citação referida por Nagy precisa de ser recontextualizado:

“A extensa revisão em que aplicaste tanto trabalho fala por si só, sem qualquer dúvida. Eu já vi tantas críticas dos materiais soviéticos ... que não consigo dizer qual é a novidade do teu. Com isto quero dizer que umas palavras mais fortes relativas aos propósitos teriam sido muito mais apropriadas ... Portanto, sob a era estalinista não havia qualquer mercado na União soviética. Esta deveria ser a afirmação lógica do *teu argumento*. Não partilho isso, nessa forma. Por isso, recomendo-te que não isoles mercado e não mercado como extremos, no sentido que lhes dás” (62)

Aliás as reações de Karl ao ensaio de Michael (1935) sobre a economia soviética marcam o agravamento da divergência entre ambos. Tanto Nagy como Dale (2016) consideram três períodos para as relações entre Karl e Michael; um primeiro “período de ouro e de irmandade”, desde os tempos do Círculo Galileu na Viena vermelha dos anos vinte até 1934, período inicial em que compartilham o essencial da visão do mundo.

Depois de meados da década de 30, as simpatias de Karl pelo socialismo soviético estavam em crescendo, tendo acabado mesmo por defender o caráter genuíno dos julgamentos de Moscovo no período de terror estalinista (63). Vinte anos mais tarde, Karl voltou atrás e considerou os julgamentos como uma “obscenidade intelectual”, embora continuando a atacar uma certa “superioridade ocidental” nesse domínio (64). Mas em meados dos anos 30 a avaliação da experiência soviética e, sobretudo, as elevadas expectativas sobre os seus resultados e significado, criaram fissuras e divergências mais profundas nas relações entre os dois irmãos. Este segundo período, que Nagy denominou “a separação lamurienta e o seu aprofundamento” (65) terá durado até 1951, altura em que Michael publica *The Logic of Liberty*, quatro anos depois de Karl publicar um dos seus ensaios mais importantes, sobre a mentalidade obsoleta do mercado (66).

O terceiro período, de 1951 até à morte de Karl (em 1964) é um período de renovada cumplicidade e amizade familiar, apesar das divergências ideológicas, uma espécie de convivência (mais ou menos) pacífica e tolerante perante as diferenças inevitáveis. Nagy chama-lhe um período de “reconciliação sensata e resignada”, em que ambos aceitam a incapacidade mútua de influenciarem significativamente os pontos de vista do outro. Dale chamou-lhe “a *détente* fraterna” (67).

O ensaio de Michael em 1935 constitui um ponto de viragem do primeiro para o segundo período, sem que isso significasse na altura uma hostilidade aberta entre ambos - mas a partir daí as diferenças de opinião sobre a questão soviética e o socialismo como alternativa ao capitalismo vão-se acentuar (Dale chamou-lhe “as atribulações moscovitas” (68)).

Para Michael, capitalismo e socialismo soviético estariam condenados a convergir no recurso a mecanismos do mercado, mesmo que em configurações sociais diferentes. Para Karl, a divergência seria antes necessária para ultrapassar os problemas humanos e sociais da economia capitalista e atingir um outro estágio substantivo da sociedade e da economia.

Já depois de publicação do ensaio de Michael Polanyi (1935), Karl estava nos E.U.A. e escreve daí uma carta a Michael (69), em princípios de 1936, onde comenta:

Ainda continuo totalmente perplexo com a quase total falta de sentido e significado humano do teu folheto. Sabendo o que sei do teu espírito, tenho a certeza de que as duas últimas frases do livro pretendem exprimir o seu significado. Mas não o conseguem fazer, não por causa da sua brevidade, mas sim pela falta de clareza da própria idéia quando

contrastada com os factos - todos os factos - revelados pela tua apresentação.

As duas últimas frases do ensaio de Michael a que Karl se refere são:

Se se quiser evitar a sua destruição [da independência individual], a comunidade deve tomar consciência dos desígnios da sua vida quotidiana por outros meios que não a revolução social. É preciso encontrar uma outra maneira de clarificar os horizontes dos cidadãos, que não seja pelo esmagar de um mecanismo que não conseguem compreender.

Basicamente Michael Polanyi argumenta pela necessidade de encontrar formas não revolucionárias (logo não totalitárias) de consciencialização das massas que garantam o seu empenho esclarecido na vida económica, ou seja, no mercado - precisamente o tema das suas duas conferências feitas por Polanyi logo a seguir à publicação do ensaio. A leitura de Karl parece diferente, duvidando do argumento de Michael que questiona a via revolucionária, a avaliar pelo juízo positivo que Karl parece fazer da evolução da sociedade soviética.

Esta parte de carta de Karl é interessante porque reflete as diferenças de fundo que se começavam a acentuar entre as respetivas visões e modelos para a sociedade e economia. Para Karl a descrição sistémica e quantitativa que Michael propõe no seu ensaio e o seu estilo “científico” (tecnocrático, talvez na linguagem atual) passava ao lado do essencial da visão económica de Karl, para quem a finalidade social de economia era o essencial (e não o método analítico). A ideia de que o mercado pode prevalecer sobre a importância das relações familiares, de amizade e de comunidade não era aceitável para Karl (70). Nesta fase da vida, Michael procurava uma explicação “técnica” que sustentasse o funcionamento liberal de economia, que passava pelas trocas livres entre os átomos sociais da economia liberal numa perspectiva de trocas criadoras de lucro. Procurava então uma formulação de sociedade liberal em que a economia não fosse incompatível com a liberdade e os valores e que, pelo contrário, o sucesso do sistema económico dependesse desses valores na sociedade. Mas para Karl deveriam ser os valores a comandar o desenho do sistema económico e a organização social e não deveriam emergir subsidiariamente do modelo económico, mas antes o inverso.

(b) C. G. Renold

Charles Garonne Renold (1883-1967) foi um dos industriais britânicos de maior prestígio no seu tempo, em particular depois da fusão de empresas que, em 1930, deu origem à Renold and Coventry Chain Company Limited, uma empresa importante e com raízes antigas (desde 1864), especializada em componentes metálicos complexos para máquinas industriais e que ainda hoje persiste (71).

Engenheiro de formação, Charles Renold foi um dos introdutores das técnicas de gestão moderna no Reino Unido, tendo mantido uma ligação importante com a Universidade de Manchester, em especial o UMIST (Instituto de Ciência e Tecnologia).

A 23 de janeiro de 1936, C. G. Renold escreve a Polanyi (72) e diz que

“li o seu artigo sobre a economia soviética com o interesse mais absorvente. Diz-nos muito acerca de coisas que desejamos conhecer acerca de Rússia e acerca das quais é tão difícil obter uma imagem fiel. Agradeço-lhe muito por ter tido a idéia de me enviar uma cópia”.

(c) Ernest Simon

Ernst Simon (1879-1960), depois o primeiro barão Simon de Wythenshawe, foi uma das personalidades mais marcantes de toda a primeira metade do século XX no Reino Unido. Industrial, líder de um importante complexo industrial, político influente, liberal até 1946 e depois trabalhista, teve uma associação longa e muito forte com a Universidade de Manchester, onde foi presidente do Senado entre 1941 e 1957, depois de ter sido tesoureiro da Universidade entre 1931 e 1941.

Ernest Simon teve uma importante relação com toda a carreira de Polanyi em Manchester. Em 1932, aquando das primeiras negociações confidenciais de Polanyi com a Universidade de Manchester, negociações foram largamente intermediadas pelo Professor **Stopford**, Simon teve uma entrevista relevante com Polanyi em que foram definidos os principais apoios que a Universidade poderia mobilizar para albergar e viabilizar o futuro laboratório de Polanyi em Manchester (73). Simon foi depois uma das portas iniciais de Polanyi para entrar na rede intelectual britânica da altura, onde Ernest Simon era um importante pivot com amplas ligações em todo o espectro intelectual e político.

Simon esteve associado à Fabian Society. Na década de 1910 financiou as atividades da sociedade e, em particular, a fundação do *New Statesman* (74). Ao longo da sua vida manteve uma relação próxima com o casal dos Webbs. Simon foi também instrumental para viabilizar, no final dos anos 1940, a transição de Polanyi da cátedra de

química física para a nova cátedra de estudos sociais, através de um fundo que Simon havia fundado e financiado (75).

Em carta de 6 de novembro de 1935, em papel timbrado da *Association for Education in Citizenship*, fundada e liderada por Simon, este escreve a Polanyi uma carta, de que uma parte é reproduzida por Scott e Molesky (76), que referem quanto impressionado Simon terá ficado com a análise de Polanyi sobre a economia soviética. Diz a carta:

“Gostaria de lhe transmitir os meus mais calorosos parabéns pelo seu artigo sobre a Rússia na *Manchester School*. É a primeira tentativa que vi para estimar quantitativamente os resultados da indústria e agricultura russa, o que obviamente é vitalmente importante. Apesar de tudo, o sucesso moral de fazer tanta gente feliz e confiante dependerá muito, a longo prazo, do desenvolvimento económico e uma tentativa de compreender e medir o resultado económico é fundamentalmente importante para o futuro da civilização mundial, considerando a situação revolucionária global. É surpreendente que outros economistas e sociólogos não tenham tentado fazer aquilo que conseguiu fazer. De qualquer modo, parece-me, se o posso dizer, um sucesso assinalável para um não sociólogo, sobre o qual gostaria de o cumprimentar muito sinceramente” (77).

Simon aproveita ainda para tentar envolver Polanyi nas atividades da sua Associação, um passo que terá sido importante para abrir o mundo intelectual de Simon e seus amigos ao recém chegado Polanyi:

“Dado que está tão interessado nas ciências sociais pergunto se, por acaso, não estará interessado em participar numa reunião para discutir a educação para a cidadania nas universidades, que estou a preparar para o fim de semana de 7 de dezembro. Incluo a agenda e a lista de pessoas que vão estar presentes. (78) Seria um grande prazer tê-lo como convidado. Posso levá-lo comigo se estiver pronto para partir pelas onze horas da manhã de sábado e regressar no domingo de tarde. Espero sinceramente que possa vir”.

Simon tinha liderado a fundação da *Association for Education in Citizenship* em 1934, como um grupo de pressão para fazer campanha pela promoção da democracia através da educação das massas e que reunia um grupo impressionante de personalidades. O objetivo de Associação era “apoiar todos os que sentem a

necessidade de preparar conscientemente os jovens deste país para lidar com os problemas de cidadania” e ainda “proporcionar um centro para todos os professores interessados nestes problemas”. A Associação esperava “atrair como membros todos aqueles que acreditam que a própria existência de democracia está ameaçada a menos que seja possível proporcionar ideais claros de serviço público e algum conhecimento sobre as questões complicadas com que os cidadãos eleitores de amanhã terão que lidar” (79). Sidney Webb era um dos vice presidentes da Associação.

Logo, no final de 1935 Simon escreve a Polanyi e convida-o para uma sessão residencial de discussão no grupo sobre educação para a cidadania nas universidades. Cerca de meio ano depois, em junho de 1936, Polanyi apresenta na tal Association for Education in Citizenship, em Manchester, a sua primeira conferência “fundacional”, como lhe chamamos em trabalho anterior (80), sobre a “representação visual de assuntos sociais” onde preconiza o uso de tecnologias visuais para a educação de massas sobre o funcionamento de economia para ultrapassar “as falácias e erros que tanta confusão e problemas tem criado no espírito das pessoas” e, simultaneamente, apela para uma revisão da ideologia liberal tradicional e o abandono do *laissez faire* tradicional. A ação individual no sistema económico (uma comunidade de “money makers” [fazedores de dinheiro], na expressão de Polanyi) faz-se por interações livres que precisam de ser responsáveis, voluntárias, informadas e empoderadas. O alinhamento entre as preocupações e objetivos de Polanyi nessa conferência e os objetivos de Simon e de Association for Education in Citizenship são bem patentes. A sua influência nessa fase de vida de Polanyi não pode ser ignorada - e o ensaio sobre a economia soviética terá tido um papel de ignição nesse processo através da oportunidade de aproximação de Polanyi com Simon que suscitou.

Por sua vez, nos anos trinta, Simon, então um liberal progressista, era o “crítico mais articulado da ala esquerda do Partido Liberal na avaliação do comércio livre” (81). Ficou famosa a polémica lançada por Simon na Liberal Summer School de 1930, em que argumentou que comprar um automóvel - então um bem simbólico da modernidade e da tecnologia - inglês tinha um efeito mais positivo sobre o emprego interno do que comprar um carro americano. Num artigo que publicou nessa altura no primeiro volume do *Political Quarterly* (também fundado pelo fabianos), Simon argumentou mesmo que “a existência de um excesso permanente de mão de obra desempregada torna inaplicável a teoria do comércio livre” (82).

(d) Henry Clay

Henry Clay (1883-1954), economista britânico, foi professor de economia política na Universidade de Manchester, de 1922 até 1927, e depois de economia social, mas trabalhou depois no Bank of England [Banco de Inglaterra], entre 1930 e 1944, tendo a seguir voltado para o Nuffield College, em Oxford, desta vez como Warren, líder da instituição de estudos graduados em ciências sociais (83). Clay era um liberal próximo dos Simons. Era mesmo um dos economistas que Simon mais respeitava, conjuntamente com Keynes (84). Clay tinha dúvidas de que um sistema competitivo degenerasse inevitavelmente num monopólio a menos que fosse protegido pelo Estado e, portanto, era contrário a qualquer legislação anti monopolista.

Foi em papel timbrado do Bank of England que Clay escreveu a Polanyi, a 5 de dezembro de 1935 (85):

“Penso que a popularidade da experiência soviética, em certos círculos deste país, se deve a uma ignorância inevitável daquilo que está envolvido na sua execução, assim como dos atrativos de um sistema controlado centralmente e a operar sobre um plano predeterminado para pessoas de mente pequena e sem qualquer experiência administrativa. Todos trabalham com um plano, mas os administradores que parecem ter mais sucesso na prática são os que mantêm os seus planos restritos apenas a alguns pontos essenciais e de uma forma plástica. Imagino que um russo possa justificar o sofrimento e a perda como o preço inevitável para uma mudança necessária; pelo pouco que ouvi deles em primeira mão, parece que os governantes de Rússia estão muito mais prontos para enfrentar os factos do que os seus admiradores na Europa ocidental e americanos”.

Curiosamente, na mesma missiva, Clay diz a Polanyi que gostaria de ver o seu “ensaio sobre a apresentação gráfica dos princípios económicos quando estiver pronto para publicação”, o que indicia que, em finais de 1935, já Polanyi estaria a trabalhar na conferência que havia de fazer em Junho de 1936 na Association for Education in Citizenship, sobre a representação visual dos assuntos sociais .

(e) Oscar Jaszi

Oscar Jaszi (1875-1957) era um dos amigos políticos mais antigo e mais próximo de Karl Polanyi, mas manteve também uma relação longa e amigável com Michael Polanyi, desde os tempos do Círculo Galileu na Viena dos anos vinte. Húngaro, político ativista desde o princípio do século XX, conheceu múltiplas vicissitudes na política húngara da

altura. Em 1915 fundou o Partido Radical, onde os dois irmãos Polanyi se envolveram. Karl foi secretário geral do partido. O partido apelava para uma nova geração de cidadãos reformistas descontentes com a política conservadora tradicional e na sua base de apoio misturavam-se jovens radicais profissionalmente independentes, socialistas não marxistas e até mesmo socialistas marxistas dissidentes de linha “social democrata” de então (Nye, 2011, p. 11). Jaszi emigrou para os EUA, em 1925, onde foi professor de história no Oberlin College, uma instituição privada de ensino superior sobre artes liberais, no Ohio.

É em papel timbrado do Oberlin College que Jaszi escreveu muitas das suas cartas a Michael Polanyi. Na sua missiva de 24 de novembro de 1935 (86) diz que leu com grande interesse o estudo de Polanyi sobre a Rússia e afirma estar certo de que Polanyi está correto acerca dos motivos fundamentais da revolução russa e das causas reais dos seus sucessos relativos quando “consegue ligar a ideologia coletivista com os motivos do capitalismo e apresentar isso na forma de uma nova religião em que as vítimas são sempre no interesse da classe trabalhadora”. Assinala que a “febre do movimento “stakhanovista” (87) é a maior exploração do trabalho pelos comunistas”. E que a principal força diretriz de todo o socialismo corresponde ao sentimento de que ninguém quer “trabalhar numa organização cuja racionalidade não pode ser entendida em termos do interesse individual”. É essa “verdade fundamental que ninguém antes expôs com tanta força como você. Mas acho (embora isso não seja importante) que a sua imagem da consistência russa continua a ser um pouco otimista. Não confio nas estatísticas russas quando acontece que os responsáveis pelas estatísticas favoráveis estão presos”, escreve Jaski.

A propósito deste assunto, Jaszi menciona ainda os estudos “significativos” de Brutzkus (88), comenta a sua “irritação com a redescoberta do marxismo e do freudismo pela América, vinte e cinco anos depois”, numa altura em que “a Europa está diante de um novo banho de sangue”. Depois de comentar que não tem tido notícias de Karl Polanyi, Jaski diz “ter o sentimento de que aqui, na América, há muito mais perspectivas de salvação do que na Europa, muito mais rígida e limitada. A ascensão social aqui tem um elevado sucesso que é pouco habitual [noutros sítios]”.

Pouco mais de meio ano depois, em agosto de 1936, Jaszi escreve a Polanyi desde Martha Vineyard Island, onde estava de férias (89). Continua preocupado com a “experiência russa” no meio da “confusão da propaganda da esquerda e da direita”. O seu comentário reflete muito do sentimento e ansiedade da altura: “não há tarefa mais importante e difícil neste momento do que ver com clareza para onde esta experiência

nunca antes sonhada arrasta cada vez mais vidas humanas e tragédias pessoais, mais do que qualquer outro movimento histórico de massas”.

Apesar disso, Jaszi teme que o estudo de Polanyi tão tenha “o sucesso merecido e desejável. Estamos num tempo de livros grossos e cheios de estatísticas e divindades. É repugnante, mas é assim” (90). E sugere que Polanyi pense em reescrever o ensaio na forma de um livro, incluindo novos desenvolvimentos e uma crítica da literatura soviética: “seria um grande serviço para todos os pensadores e pessoas honestas, se conseguir fazer este assunto importante passar para além da propaganda e do poder de jornalistas bajuladores”. Jaszi diz-se “cada vez mais pessimista” e acha que “uma nova guerra mundial é inevitável”. Nesta confusão, a questão russa não é um fator menor, “apesar do neo pacifismo dos soviéticos. O julgamento dos trotskistas não é mais do que a melhor maneira que encontraram para resolver problemas internos. E temo que a luta heróica do povo espanhol não seja capaz de prevenir a emergência de um novo sistema fascista na Europa ocidental e que o impotente pacifismo francês tolere o aparecimento de colónias ítalo-germânicas”. O tempo deu razão às suas preocupações.

Jaszi diz ter mostrado o ensaio de Polanyi a amigos e conhecidos e “todos partilharam a minha opinião”. Um deles foi o Professor Frank Knight, que Jaszi classifica como “um dos maiores entre os historiadores económicos e filósofos”. Frank Knight (1885-1972), economista americano e professor na Universidade de Chicago, foi um dos fundadores da chamada “escola de Chicago” e ficou famoso pela diferenciação entre risco e incerteza. Foi também um dos fundadores de sociedade de Mont Pelerin, em cuja primeira reunião Polanyi participou.

Outro dos conhecidos de Jaszi a quem ele apresentou o ensaio de Polanyi foi Water Lippmann, que na sua obra *The Good Society* refere-se a Polanyi como um “observador extremamente dotado” ao citar o ensaio de Polanyi sobre a economia russa (91). Lippmann (1889-1974) foi uma dos jornalistas americanos mais influentes do século XX, sendo considerado como o pai da expressão “guerra fria”. Em 1937 publicou *The Good Society*, onde cita Polanyi quando diz que “numa sociedade socialista, tal como um observador muito dotado viu na Rússia”, “o mecanismo de organização de economia é quase idêntico ao do capitalismo” - ou seja, com o capitalismo empresarial monopolista, “a principal diferença estando na “propriedade” que não é transferível por acordo privado pois o governo é que indica os “donos” (os gestores)”. Depois de citar mais longamente o ensaio de Polanyi, Lippmann conclui que “sob o socialismo todas os empreendimentos ou empresas importantes são aquilo que nós chamamos obras ou empresas públicas” (92).

Apesar disso, Lippmann ter-se-á posteriormente escusado a escrever um prefácio para uma edição americana do livro de Polanyi, *The contempt of freedom* (1940). Numa carta de Jaszi para Polanyi, de 1941 (93), este estranha a recusa de Lippmann, que terá alegado não ter estado recentemente na Rússia como justificação para a escusa. Jaszi acha mesmo que isso foi “manifestamente um pretexto, pois quando ele escreveu *The Good Society* estava longe de ter tido qualquer contacto com a Rússia”.

Na realidade, três meses antes, em dezembro de 1940, Polanyi tinha escrito uma carta a Walter Lippmann na sequência de um telegrama que terá enviado alguns dias antes (94). Polanyi perguntava a Lippmann se este estaria disponível para “escrever uma introdução para uma colecção de ensaios, cuja publicação está prevista na América” dado que “o meu nome é quase completamente desconhecido dos leitores para quem este pequeno livro se dirige”. Polanyi terá enviado um exemplar do livro por um amigo (provavelmente Oscar Jaszi), mas o livro não terá chegado às mãos de Lippmann pelo que, entretanto, Polanyi enviou-lhe diretamente outro exemplar. Lippmann ter-se-á escusado, a avaliar pelos comentários já referidos de Jaszi. O livro também nunca chegou a ser publicado nos EUA, nessa altura (95).

Por sua vez, Jaszi publicou uma revisão do referido livro de Polanyi (1940) em conjunto com a revisão de uma obra de Mannheim (96). Jaszi entende que a obra de Mannheim é fraca na defesa das liberdades, mas esse é precisamente o ponto essencial sobre o qual Jaszi se concentra no livro de Polanyi - “uma contribuição de uma argúcia e uma originalidade pouco frequentes, que pode ajudar na reconstrução de uma filosofia política verdadeiramente liberal, que aponte para reformas sociais decisivas”.

Acerca do ensaio sobre a economia soviética, Jaszi escreveu que Polanyi oferece uma “análise penetrante” onde “demonstra, tanto dedutiva como indutivamente, o antagonismo intrínseco do sistema e o impasse a que conduz se os seus princípios teóricos e dogmáticos não forem ignorados ou mitigados em certos pontos”.

9. Reações soviéticas

O artigo de Polanyi teve reações a partir da U.R.S.S. As possíveis implicações e consequências da publicação da primeira versão do ensaio (1935) talvez não o tenham surpreendido muito e provavelmente terão reforçado as suas preocupações sobre a deriva do terror estalinista.

Em novembro de 1935, Polanyi mandou duas cópias do artigo ao Professor Alexander Frumkin, para um endereço em Paris. Frumkin era conhecido de Polanyi

desde os tempos de Berlim. Os biógrafos de Polanyi assinalam o seu nome numa lista de amigos de Michael fora do Instituto de Química Física, com quem manteria contactos habituais (97). Frumkin era membro de Academia das Ciências russa desde 1932 e tinha fundado o departamento de eletroquímica da Universidade de Moscovo, em 1933. Foi, sem dúvida, um dos grandes nomes da eletroquímica do século XX. Em 1944 a revista LIFE incluía um retrato seu numa galeria de “grandes cientistas” soviéticos. A legenda da fotografia referia-se-lhe como um físico com “investigação pioneira sobre as forças elétricas em superfícies moleculares e as suas funções nas atrações capilares e nos compostos químicos” (98).

Na realidade, foi Frumkin quem convidou Polanyi, em março de 1935, em nome do Commissariado de Indústria Pesada, para visitar Moscovo e fazer conferências e demonstrações sobre os novos métodos que Polanyi tinha vindo a desenvolver. Polanyi aceitou, sendo então sua intenção passar um mês no Karpov Institute, em Moscovo (Frumkin tinha sido um dos dirigentes máximos do Instituto, até 1930). Polanyi visitou Moscovo na Páscoa de 1935, conjuntamente com o seu aluno e colaborador Horiuti. Foi nessa viagem que Polanyi se encontrou com N. Bukharin, encontro que tanto impressionou Polanyi e que teve grande impacto nas suas preocupações sobre filosofia da ciência e a liberdade de investigação nas ciências puras.

Nessa carta (99) Polanyi pede a Frumkin, de forma porventura ingénua, que peça um comentário a um amigo comum, então personagem importante do sistema económico soviético:

“Se achar apropriado, ficaria muito grato se perguntasse a opinião de Ossinsky. Ele poderia escrever os comentários e correções nas margens [do artigo] e mandar-me de volta. Eu arranjaréi então maneira de incorporar as suas observações numa nota a publicar no próximo número do mesmo periódico em que foi publicado o ensaio”

Valerian Ossinsky foi o primeiro presidente do Soviete Supremo de Economia Nacional, até 1918. Em 1931 fez parte de delegação ao World Economic Congress, em Amsterdam, onde apresentou um relatório sobre o planeamento económico na USSR na forma de planos quinquenais (100). Era professor na Academia de Agricultura de Moscovo. Dois anos depois da carta de Polanyi, em novembro de 1937, Ossinsky foi condenado à morte, durante a grande purga estalinista. Foi fuzilado em 1 de Setembro de 1938. Tinha 51 anos. Não sabemos se Frumkin terá realmente feito alguma diligência junto de Ossinsky, mas provavelmente não.

Mas Frumkin terá de alguma forma respondido à carta de Polanyi. A 14 de dezembro de 1935 Polanyi mandou uma carta datilografada para Frumkin (101), desta vez para o endereço em Moscovo, onde escreveu:

Fico muito triste por saber que não gostou do meu ensaio sobre a economia de U.R.S.S. Fico triste, mas não me arrependo. Pode ver que na minha Tabela I uso, na realidade, o mesmo valor que sugere para o rublo, 1/15, em particular. Aquilo que digo sobre planeamento na página 32 não pretende ser depreciativo, mas antes um elogio. Eu aprovo o sistema de planeamento aí descrito e penso que é um grande progresso quando comparado com o método anterior.

Considerando tudo o que conheço sobre o funcionamento da economia na U.S.S.R. penso ter deixado de fora muitos outros elementos que considero mais desfavoráveis do que aqueles que teriam contribuído para o lado positivo da minha imagem. No entanto, sinto que alguma irritação, que se foi acumulando em mim enquanto tentava encontrar o meu caminho através dos documentos oficiais citados no meu ensaio, pode ter transpirado no meu estilo e gostaria de ter sido mais cuidadoso em eliminar esses traços das minhas reações irrelevantes.

Gostaria de dizer que as críticas oficiais soviéticas que ouvi, até agora, ao meu artigo não foram desfavoráveis. O adido económico soviético em Budapeste apenas objetou ao ênfase insuficiente dado aos emolumentos não monetários dos trabalhadores, como educação e escolas gratuitas, etc. Quanto ao resto, achava que a minha narrativa estava correta (Obtive esta informação através do editor de uma revista mensal publicada em Budapeste, que consultou a Embaixada antes de traduzir o meu artigo e o publicar em húngaro).

Se considera o meu artigo ofensivo, por favor deite-o fora e esqueça-o. Caso contrário peço-lhe que dê uma cópia à minha irmã, no caso de a encontrar”.

Na mesma carta, Polanyi anuncia ainda a intenção de ir a um congresso na USSR em 1937 (102). A referência à irmã diz respeito a Laura Striker, que na altura estava em Moscovo na companhia da filha, Eva Striker, então casada com o físico Alex Weissberg, especialista em química quântica e que tinha emigrado para a URSS em 1931 - precisamente para o Instituto de Física em Kharkov (agora Kiev, na Ucrânia), de que Fromkin era um dos dirigentes máximos.

Em meados de 1937 (6 de junho) Polanyi recebeu uma carta de Geneva, na Suíça, de um tal Hermine Rabinowitch, com um aviso implícito:

Acabo de chegar de Moscovo, onde estive com o Professor A. Frumkin, meu primo. Pediu-me para lhe dar as suas melhores saudações e, para além disso, pediu-me para lhe dizer que, na sua opinião, seria melhor se fosse mais cuidadoso nos seus artigos sobre economia na Rússia soviética.

Alguns dias depois, o mesmo Rabinowitch responde a uma carta de Polanyi (que não conhecemos) e envia mais alguns detalhes acerca da sua conversa com Fromkin (itálicos da nossa responsabilidade):

Estive apenas uns dias em Moscovo e não tive oportunidade de encontrar os seus familiares, *mas o Frumkin mencionou na conversa que tem lá familiares*. Até agora nada aconteceu, nem a eles nem a Frumkin, mas *não pode haver qualquer dúvida que a ideia de Frumkin é que as suas análises da economia soviética poderiam ter sido um perigo, e podem ser um perigo ainda maior no futuro*, se continuar a publicar artigos sobre economia.

Como não é um economista e começou a escrever sobre esta questão - segundo compreendo - depois da sua visita a Moscovo, precisa de ser especialmente cuidadoso. A situação agora é tal que cada um de nós com familiares ou amigos lá precisa de ser ainda mais cuidadoso.

É claro que tudo isto é estritamente confidencial.

Lamento, mas não tenho mais qualquer informação que lhe possa dar.”

O aviso de Fromkin parece claro: o(s) artigo(s) de Polanyi podem pôr em perigo os seus familiares e amigos a viver na URSS. Não sendo economista de profissão, os seus ensaios seriam susceptíveis de ser interpretados como vinculando a opinião de alguma oposição interna soviética, transmitida durante a sua última visita e, portanto, todos os contactos feitos nessa visita poderiam ser suspeitos - incluindo certamente Frumkin e a família de Polanyi, com quem tinha confraternizado durante a sua estadia em Moscovo. Os familiares em questão eram Laura Striker e a sua filha Eva, designer cerâmica que, como já foi anteriormente referido, tinha emigrado para a URSS para acompanhar o marido, o físico Alexander Weissberg. Na sua visita a Moscovo, em 1935, poucos meses antes da publicação do ensaio, Polanyi contactou e conviveu com a sua sobrinha “que o levou numa visita guiada da cidade modernizada” (103). A

vulnerabilidade da situação parece óbvia, dentro da lógica do terror estalinista, em que a suspeição dos contactos com estrangeiros se tornou obsessiva.

Não consta, no entanto, que as opiniões de Polanyi tenham tido realmente influência na saga dramática de Eva Striker durante mais do que um ano, entre maio de 1936 e setembro de 1937. Eva foi presa quando era diretora artística da Dulevo, uma empresa russa de porcelanas, foi encarcerada na Lubianka e foi depois transferida para uma prisão em Leningrado, onde foi posta em regime de prisão solitária durante a maior parte do tempo. Depois de semanas de isolamento, foi interrogada e acusada de envolvimento numa tentativa de assassinato de Estaline. Alegadamente tinha sido encontrada uma arma (que ela considerou ter sido aí colocada para a incriminar, mas que descobriu depois que, na realidade, era propriedade de um velho revolucionário em casa de quem Eva tinha subalugado o quarto onde habitava ao seu irmão, que aí habitava). Foi também acusada de trotskismo e de se ter encontrado anteriormente com inimigos de Estaline, em Paris. Não terá sido acusada de espionagem e sabotagem, mas sim de pertencer a um grupo subversivo cujo objetivo era assassinar Estaline (104). A sua presença em Paris, alguns anos antes, foi considerada como evidência conspiratória..

Durante o interrogatório foi-lhe dito que seria retirada a acusação de posse de arma e rapidamente libertada se assinasse uma confissão falsa. Tendo assinado o papel, rapidamente descobriu o logro quando o interrogador a insultou por ter acreditado nele, o que a levou a tentar depois o suicídio. Os esforços da mãe, e não só do consulado austríaco, terão sido cruciais para conseguir a sua libertação - Laura terá mobilizada para isso numerosos cientistas e intelectuais, entre os quais Peter Kapitza, que tinha regressado à URSS em 1934. Libertada, foi posta num comboio para Viena, onde foi recebida pelo seu irmão (George Striker) e mulher (Barbara Striker). Como observa Gareth Dale, conseguir esse feito foi, sem dúvida, algo de notável na Rússia da altura (105).

O caso de Eva contribuiu na altura para acentuar as diferenças entre os irmãos, Michael e Karl Polanyi. Karl argumentou que Eva teria sido tratada por métodos judiciais justos, o que escandalizou Michael (106).

Eva tinha realmente estado em Paris uns anos antes, em 1929, para estudar as tendências artísticas da altura. Nessa altura reencontra um outro húngaro, Arthur Koestler, com quem chegou a ter um caso durante essa estada em Paris. Arthur Koestler (1905-1983) seria depois um autor famoso e próximo de Michael Polanyi. Em 1937, depois de Moscovo e Viena, Eva emigrou para Londres. Em Viena foi Koestler quem a

ajudou (e à mãe) a embarcar no último comboio que saiu de Viena antes da chegada dos alemães. Já em Londres, Eva reencontrou Koestler e contou-lhe a sua história em Moscovo, que por sua vez tinha passado por uma experiência marcante no corredor de morte em Sevilha, às mãos dos franquistas (107). De conjugação dessas duas experiências pessoais nasceu uma boa parte do argumento para um dos livros mais importantes e sentidos de Koestler (108). A personagem central da obra poderia, por exemplo, ter sido Zinoviev ou Bukharin, líderes partidários então trucidados pelo sistema estalinista.

Koestler voltaria a reencontrar Eva durante a sua estadia nos EUA, depois de guerra, em 1948. Entretanto Eva reconstruiu aí uma carreira notável como designer cerâmica (109) tendo falecido em 2011, com a idade de 105 anos. Na altura o *The New York Times* publicou um artigo na secção de arte e design, onde Eva é descrita como uma “artista cerâmica cujos desenhos elegantes e excêntricos de peças de mesa, nos anos 40 e 50, revolucionaram a maneira como os americanos põem as suas mesas” (110).

10. Impacto bibliométrico

As análises bibliométricas de citações têm problemas complexos e precisam de ser tratadas com prudência. Em trabalho anterior mostramos como os impactos de artigos científicos de Polanyi são avaliados de forma diferente, e mesmo inconsistente, por fontes como o Web of Science e o Google Scholar (111). Apesar disso, as citações podem ajudar a contextualizar as obras e as suas dinâmicas temporais.

O ensaio de Polanyi publicado em 1935 aparece em duas entradas diferentes no Google Scholar: uma correspondente à publicação no *The Manchester School* e outra correspondente ao panfleto editado pela Manchester University Press (1936), com 17 e 4 citações, respetivamente. A versão do ensaio que foi publicada no livro de 1940 (*The Contempt of Freedom*) não aparece referenciado. O livro, por sua vez, regista 49 citações, por si (112).

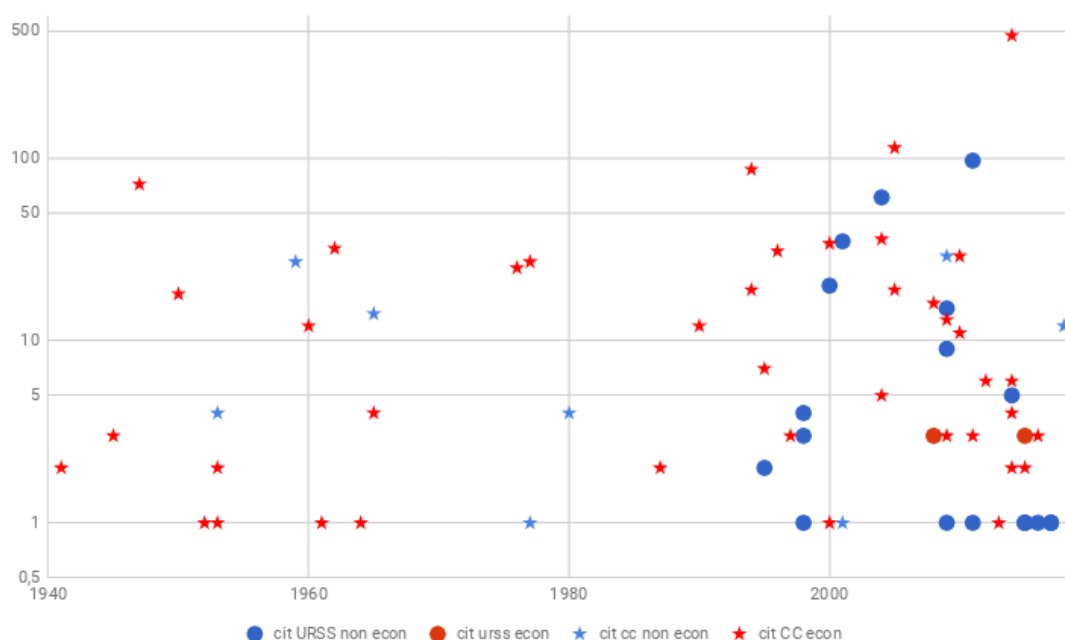
O livro de Colin Clark (1939) aparece no Google Scholar apenas por uma entrada (113) e regista 51 citações que, por sua vez, acumulam uma soma das citações (soc) de 1184. A citação mais citada é o livro de Ellman, *Socialist Planning* (2014) com 470 citações.

A tabela anexa resume as principais estatísticas associadas às citações assim como às soc (soma das citações) e sua distribuição, que julgamos ser um indicador mais robusto de influência de uma publicação.

	Polanyi (1935)	Clark (1939)	Polanyi (1935)	Clark (1939)
top 1	96	470	39,18%	39,70%
top 3	170	669	69,39%	56,50%
outros	75	515	30,61%	43,50%
soc total	245	1184	100,00%	100,00%
n	2	1		
N	21	51		
mediana	2	5		
média	11,7	23,2		

O impacto de obra de Clark (1939) é superior ao de Polanyi (1935), quer quando medido quer pelo número total de citações (51 contra 21) como pelo número de citações

das citações (soc, 1184 contra 285). Mas uma inspeção mais detalhada mostra problemas. Um lapso evidente do inventário do Google Scholar é que o livro de Clark (1939) não aparece nas citações do ensaio de Polanyi (1935) e, por sua vez, nas citações do livro de Clark (1936) não aparece o livro de Polanyi (1940), em cujo capítulo terceiro aparecem os comentários de Polanyi à obra de Clark (114). As várias revisões críticas do ensaio de Polanyi (1935), identificadas em secção anterior, também não aparecem registadas nas listas de citações identificadas pelo Google Scholar - assim como também não aparecem identificadas as várias revisões publicadas sobre o artigo de Clark (1939). Logo as estatísticas estarão subestimadas para ambos os casos.



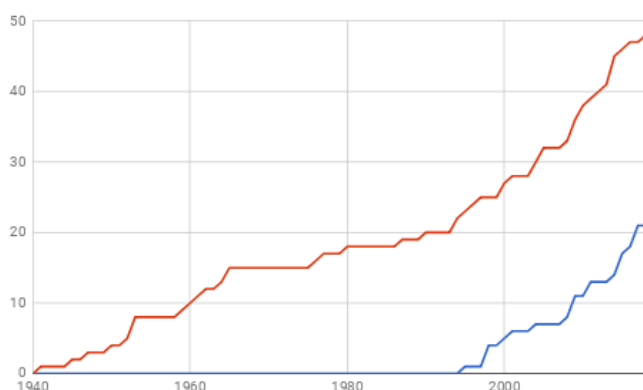
A figura anterior mostra a distribuição das citações ao longo do tempo, desde 1940 (115), separando as citações por trabalhos identificados como sendo da área económica (a vermelho) das citações por trabalhos de áreas não económicas (a azul), quer do artigo de Michael Polanyi (1935) (círculos) como do livro de Colin Clark (1939) (estrelas).

A distribuição temporal das citações deixa perplexidades, mesmo considerando as limitações anteriormente referidas: só aparecem citações de Polanyi (1935) depois de 1995 - ou seja o ensaio não terá sido referenciado até meados dos anos 90, mas depois dessa data parece ter despertado um interesse cada vez mais significativo. Já as citações

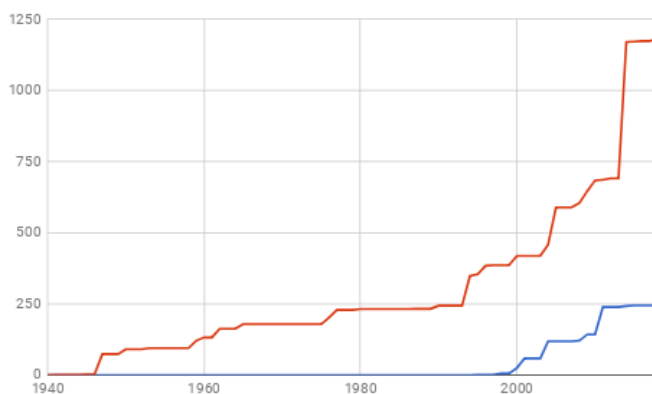
do livro de Clark (1939) aparecem distribuídas depois de 1940, embora seja possível identificar uma menor densidade de citações durante as décadas de 70 e 80.

Mas os conteúdos das citações de ambos os trabalhos refletem audiências diferentes: muito poucas citações de Polanyi (1935) são de artigos económicos, mas sim de outras áreas menos técnicas (filosofia de ciência e história das ideias políticas, em especial), enquanto que a grande maioria das citações de Clark (1939) são da área económica. Por sua vez, a contribuição pioneira de Polanyi na avaliação crítica das estatísticas russas aparece pouco, ou mesmo nada, citada na literatura mais contemporânea sobre a economia soviética, especialmente depois do fim de URSS, embora a contribuição de Clark seja quase ubíqua nessa literatura e aí reconhecida como um trabalho fundacional de análise crítica das estatísticas económicas soviéticas.

As figuras seguintes mostram as curvas cumulativas de citações e de coc (citações das citações) ao longo do tempo, para ambos os trabalhos.



(a) Número acumulado de citações dos ensaios de Polanyi e Colin Clark



(b) Número acumulado de coc (número de citações das citações) dos ensaios de Polanyi e Colin Clark

11. Colin Clark

Em 1940 Polanyi publicou *The Contempt of Freedom. The Russian experience and after.*, onde agrupou três ensaios publicados entre 1935 e 1939, mais um ensaio ainda inédito. O artigo sobre a economia soviética foi um dos três ensaios aí incluídos, apesar de uma alteração no título. No final do prefácio de *The Contempt of Freedom* (1940) Polanyi diz que

Colin Clark faz uma crítica detalhada de partes do meu ensaio *USSR economics, etc.* num pequeno livro que apareceu no ano passado (*A Critique of Russian Statistics*, 1939). No entanto, depois de uma análise cuidada dos pontos suscitados por Clark, que tive oportunidade de discutir com ele por correspondência, entendo que o seu exame do meu trabalho leva principalmente a uma confirmação dos meus resultados mais importantes. Preferi, por isso, não fazer correções, mas apenas indicar os erros assinalados por Clark e discutir só um dos pontos da sua crítica, sobre o qual não estou bem de acordo com ele (116).

No RPC não existe qualquer correspondência entre Polanyi e Colin Clark. Também não parece existir no arquivo dos papéis deste, nem nas coleções da Fryer Library na Universidade de Queensland (Austrália) (117) nem na biblioteca do Brasonese College (Oxford, Reino Unido) (118). Mas Polanyi refere-se a essa correspondência numa carta de 1941 para o físico Patrick Blackett (119), num momento mais tenso das relações entre os dois. (“Fiquei preocupado com o tom hostil da conversa hoje comigo. Temos sempre discordado, mas mantivemos uma relação de simpatia inteiramente genuína” escreveu Polanyi no início de missiva). Blackett (1897-1974) foi prémio Nobel da Física em 1948 pelos seus trabalhos sobre os raios cósmicos. Era colega de Polanyi como professor na Universidade Manchester, desde 1937. Socialista, apoiante trabalhista, Blackett foi um dos radicais mais marcantes dos anos 40 (120).

No final da carta Polanyi desafia Blackett “e os seus amigos” a serem “tão insistentes como eu na descoberta da verdade sobre a experiência soviética” e assim poder construir um mundo diferente numa base de confiança mútua. Polanyi escreve nessa carta que se tinha dado ao trabalho de procurar descobrir a verdade sobre a União Soviética no passado e reafirma o seu interesse em a continuar a reconhecer no futuro. Polanyi recorda que o seu ensaio sobre a economia soviética tem resistido ao teste de crítica “durante os últimos 5 ou 6 anos” e recorda que Colin Clark “o passou a pente fino (“quatro vezes”, escreveu-me ele)” e verificou que a sua coerência interna estava

correta. “Alguns anos depois, na sua *A Critique of Russian Statistics*, descobriu alguns erros [que aparecem] agora assinalados” no livro (*The Contempt of Freedom*). Na carta para Blackett, Polanyi reproduz o que Colin Clark lhe transmitira por escrito:

“Talvez esteja interessado em saber como é que o livro foi escrito. Começou com algumas notas destinadas a controverter as suas conclusões. Devotei a maior parte de minha viagem de barco entre a Inglaterra e a Austrália a escrever o meu material sobre a Rússia e quanto mais avançava mais descobria estar de acordo com as suas conclusões. A citação na página de entrada era de Hugh Dalton. Disse-a em 1932 depois do seu regresso da Rússia, mas não me deixou pôr o seu nome junto com a citação. Talvez agora não se importasse que fosse. Na realidade, você foi um profeta bastante solitário”.

A citação a que Clark se referia aparece na folha de frontispício do seu livro e dizia: “Penso que é um desastre o facto da ideia de planeamento ter sido tentada pela primeira vez num país como a Rússia”. O autor, Hugh Dalton (1887-1962), foi um político trabalhista e economista que ocupou vários postos governamentais importantes, na política externa e nas finanças. Em 1935 publicou uma obra influente para a política trabalhista, onde defendeu que o Estado podia funcionar como uma agência de planeamento nacional (121). Dalton tinha sido um fabiano e estudou na London School of Economics.

Colin Clark (1905-1989) terá sido um dos economistas mais originais e importantes do século XX. Heinz Arndt (1915-2002), um economista de origem alemã que se refugiou no Reino Unido e que foi docente na Universidade de Manchester nos anos 30, antes de emigrar para a Austrália em 1938, classificou Colin Clark como “uma das mentes mais férteis da economia aplicada do século XX” e que foi “mais do que um brilhante economista quantitativo - foi um profeta”, muitas vezes à frente das grandes polémicas do seu tempo (122). Angus Maddison (1926-2010), o economista britânico que foi a grande referência contemporânea da história macroeconómica quantitativa, classificou Clark como “uma figura principal na história da medição macroeconómica”. O título da sua conferência sobre Colin Clark na Universidade de Queensland, em 2003, fala por si: “Medida em macroeconomia, antes e depois de Colin Clark” (123).

Durante a década de tinta Clark foi muito próximo de Keynes, primeiro como economista no Economic Advisory Council junto do primeiro ministro britânico (de onde se demitiu quando lhe foi pedido para fazer um memorando a favor de uma política protecionista - ele era um defensor do comércio livre) e depois na Universidade

de Cambridge, antes de rumar em 1937 para a Austrália, onde acabou por ficar a trabalhar para o governo australiano até 1952.

Foi durante a sua estadia em Cambridge que Clark fez grandes avanços num quadro teórico para a organização das contas nacionais e comparação, no tempo e no espaço, dessas contas. Em 1932 publicou uma obra inovadora sobre o rendimento nacional britânico (124) que antecipa as suas contribuições posteriores sobre aquilo que hoje chamamos contas ou contabilidade nacional, muitas delas em cooperação com Richard Stone, então seu chefe e colega em Cambridge, o qual viria depois a ser laureado com o prémio Nobel em 1984 pelas suas contribuições precisamente sobre este tema. Arndt comenta ainda que “o trabalho de Clark nos anos 40 foi tão importante e original que uma pessoa fica a pensar porque é que não é universalmente reconhecido com fazendo parte da meia dúzia dos grandes economistas do século XX”.

Poucos anos depois, em 1937, Clark publicou uma versão revista da mesma obra (agora intitulada *National Income and Outlay*) (125). Maddison refere que o livro de 1932 ajudou Keynes na quantificação das suas idéias macroeconómicas aquando de preparação da *General Theory* e que o livro de 1937, que demonstrava mais claramente a importância das contas nacionais como uma ferramenta de política económica, foi útil a Keynes na formulação das suas propostas sobre as finanças durante o tempo de guerra. A obra de Clark sobre a U.R.S.S., de 1939, integra-se nos trabalhos pioneiros de Clark sobre a medida da variação inter temporal na atividade económica agregada a nível nacional, estudos em que se concentrou inicialmente sobre três países (Reino Unido, Austrália e USSR). O livro de 1932, e a sua revisão de 1937, eram sobre o rendimento nacional no caso britânico, em 1938 publica uma análise do caso australiano (126), o livro de 1939 era sobre o caso soviético e, em 1940 publicou uma obra onde explora as condições do progresso económico com base em comparações generalizadas entre rendimentos nacionais anuais de vários países ao longo do tempo (127).

Nem Clark nem Polanyi eram economistas, mas curiosamente ambos tinham uma ligação com a química. Clark licenciara-se em química (em Oxford, 1927). Como assinala Cliff Pattern (128), Clark não fez carreira em ciência, mas “o seu treino como cientista teve uma grande influência na sua forma de abordar a economia, focando-se no uso de dados para testar teoria e para sugerir hipóteses” (128). Esta era também a forma como, nessa altura, Polanyi encarava o contributo das ciências naturais (e respetivas metodologias) para a clarificação das ciências sociais, economia em especial. Esse era ainda o espírito do grupo de trabalho em Berlim, em 1930, e é com esse espírito “de inquirição científica” que Polanyi procura indagar sobre o que realmente estava a

acontecer na U.R.S.S. A parte “estatística” do ensaio de Polanyi (1935) é uma abordagem sistémica à economia soviética com metodologias quantitativas típicas das ciências modernas. Foi um trabalho também pioneiro para tentar analisar o rendimento nacional per capita conforme uma metodologia que Clark e outros chamaram depois “contas nacionais” e “ppp” (129).

Desconhecemos se Polanyi conhecia nessa altura a primeira edição do livro de Clark sobre rendimento nacional (1932), mas não se encontram apontamentos sobre Colin Clark nas notas de Polanyi. Se ele realmente Polanyi conhecia o primeiro livro de Clark (1932), talvez isso o tenha influenciado. Mas nunca encontramos qualquer indício disso nos manuscritos de Polanyi. De qualquer modo, a carta de Michael para Karl Polanyi, em 1929, mostra que, nessa altura, ainda antes de publicação do livro de Clark sobre o caso britânico, já Polanyi era um bom conhecedor da economia soviética e estava envolvido com a sua análise em termos sistémicos.

Mas uma obra posterior de Colin Clark, *Conditions of Economic Progress* (1940), foi uma importante fonte de inspiração para Polanyi. Por exemplo, escreveu que “tenho estado precisamente a ler *Conditions of Economic Progress*, por Colin Clark, e tenho à minha frente a imagem da revolução industrial e comercial que ele retrata” - assim começa uma carta importante que Polanyi escreveu em junho de 1941 ao amigo J. Jewkes (130), o economista de Universidade de Manchester que liderava então a secção económica do War Cabinet, em Londres. Mais tarde Polanyi recordou que foi nessa carta que pela primeira vez formulou o princípio de gestão do déficit que defendeu depois em *Full Employment and Free Trade* (1945) (131). Nos manuscritos inéditos deste período aparecem várias referências a esta obra de Clark, mas nunca encontramos qualquer citação ao livro de 1932.

12. O livro de Colin Clark (1939) sobre as estatísticas soviéticas

O objetivo geral declarado por Colin Clark para *A critique of Russian statistics* (1939) era “coleccionar e testar as estatísticas russas através do exame da sua consistência interna e pela sua comparação com as estatísticas do mundo exterior”, escreve a abrir o capítulo introdutório do livro, através da “análise das variações durante os últimos trinta anos naquilo que é geralmente descrito como o rendimento real per capita do país” (132). Clark conclui que “apesar das dificuldades, é possível obter resultados consistentes”.

Clark inclui Polanyi nos agradecimentos iniciais (133) e, na página seguinte, assinala que

“uma medida satisfatória do rendimento nacional da Rússia precisa de estimativas para as quantidades de bens e serviços produzidos, tanto aos preços prevalecentes antes do regime de planeamento ter começado como aos preços prevalecentes noutro país”

e reconhece também que

“uma investigação provisional segundo estas últimas linhas, relativa ao ano de 1934, foi recentemente desenvolvida de forma competente pelo Professor Polanyi, da Universidade de Manchester, mas os seus resultados precisam de ser conferidos com outros dados antes de poderem ser finalmente aceites” (134).

Ao longo do livro, Clark assinala alguns pontos de diferença com Polanyi. Um deles tem a ver com o cálculo do consumo de alimentos per capita em 1934 :

“No caso dos cereais e batatas as suas estimativas são demasiado altas, dado ter simplesmente tomado os dados dos cereais e dividido pela população, concluindo que a população russa devora 29,5 libras per capita e por semana de alimentos feculentos, ricos em amido! Uma grande parte destes cereais e batatas é claramente usado para a alimentação animal, mesmo assim deixando o suficiente para ser comido, tanto quanto possível, pela população humana. Mas um excesso de alimentos feculentos não é uma compensação para a falta de carne e de leite” (135).

Outro ponto de diferença refere-se à valorização da farinha e do pão no cálculo do rendimento nacional em 1934 (136). Clark conclui que a despesa com outros alimentos que não o pão e com outros bens manufaturados, em 1934, era de 50 rublos,

pelas suas contas, contra 73.5 rublos pelas contas de Polanyi. Nas páginas seguintes reavalia o poder aquisitivo do rublo, comparando os custos dos alimentos e bens de consumo no Reino Unido e na USSR em 1934, concluindo finalmente que a despesa média mensal por trabalhador seria de 70 xelins 4d, estimativa que Clark considera mais provável do que os 52 xelins 6d estimados por Polanyi. A estimativa de Polanyi implicava que, entre 1913 e 1934, o rendimento por trabalhador a preços constantes pouco se teria alterado, o que Clark considerou como sendo “difícilmente provável”. (A situação seria ainda pior se fosse incluída a inflação dos preços britânicos entre 1913 e 1934) (137). Os cerca de 70 xelins mensais estimados por Clark correspondem a cerca de 42 libras esterlinas por ano. Ora Clark tinha estimado o rendimento nacional britânico por trabalhador em 204.8 libras, em 1934 (138) - ou seja cerca de cinco vezes mais. No seu ensaio de 1935, Polanyi nunca explicita esta comparação direta.

Em termos de rendimento nacional per capita, a poder aquisitivo constante, as estimativas de Clark sugerem que o resultado do “tremendo esforço” feito com o primeiro plano quinquenal parece ter aumentado apenas em 4% o rendimento per capita que, mesmo assim, continuava(em 1934) ainda 2.5% inferior ao que era em 1913 (139). Como mostra depois, “houve um declínio sério na produtividade agrícola que anulou parte dos ganhos industriais”. Clark conclui que “os campos na Rússia estão claramente sobre populados” (140) e avança mesmo que “o rápido crescimento de população - 25% numa década - foi a principal causa de todas as dificuldades da economia russa”, sujeita a um “diabo malthusiano”. Clark alarga ainda a análise aos dados disponíveis para 1937 e vê alguns sinais do problema estar a começar a alterar-se com uma melhoria da produtividade agrícola (141).

Relativamente às estatísticas soviéticas, tema de polémica ao longo dos anos, Clark escreve:

“Não se pode acusar os técnicos russos de estatística de uma distorção deliberada dos números para exagerar os resultados produtivos do seu país. Se esse fosse o seu objetivo, teriam distorcido ou suprimido os números que mostram o declínio de produção agrícola entre 1929 e 1932, o que não aconteceu. Mas devemos concluir que, nas circunstâncias russas, o uso de índices baseados nos preços prevalecentes à onze anos atrás é muito inadequado para medir as variações da produção industrial, embora possa ser adequado para medir a produção agrícola” (142).

Colin Clark retoma e aprofunda a discussão de economia soviética no capítulo IV, sobre “a avaliação do rendimento nacional na Rússia soviética”, do seu livro de 1940 sobre as condições do progresso económico. A análise é mais completa, mas as conclusões decorrentes não se alteram. A abertura deste capítulo é importante sob o ponto de vista metodológico. Clark tenta inventariar as dificuldades mais importantes que se põem na estimativa do rendimento nacional soviético: apesar de estrutura de preços ter, em vários países, elementos arbitrários, a maior parte dos preços nos outros países (que não a U.R.S.S.) estão relacionados com os custos monetários envolvidos na sua produção (143). Mas vários fatores contribuem para distorcer as estimativas soviéticas, apesar de ser possível ultrapassar essas dificuldades:

- (a) uma parte variável, mas substancial, de produção agrícola é requisitada como impostos ou a preços baixos
- (b) em parte do período temporal existiu racionamento, cujo âmbito foi variável
- (c) uma taxa pesada sobre transações, em especial sobre consumo alimentar, constituindo mais de metade do valor das vendas no retalho.
- (d) um rápido crescimento dos salários e dos preços
- (e) a virtual exclusão das importações
- (f) a escolha de 1926-27 como ano de referência para as estatísticas oficiais do rendimento nacional, implicando que certos bens manufaturados vendidos nessa altura a um preço muito elevado conheceram depois uma rápida expansão de produção, logo a preços muito mais baixos por efeito de óbvios efeitos de economia de escala.

Clark chega depois a uma série (para os anos de 1913 a 1940) com estimativas do rendimento nacional soviético, expresso em unidades internacionais (U.I.), assim como de produtividade do trabalho (U.I por hora de trabalho) (p. 191). No capítulo II (sobre “comparações internacionais do poder aquisitivo do dinheiro”) Clark introduz o conceito de “unidade internacional” para comparar o poder aquisitivo do dinheiro em diferentes países. O padrão de comparação adotado por Clark é “a quantidade média de bens transacionáveis por um dólar, nos E.U.A., ao longo do período 1925-34” (145).

13. A crítica à *A Critique of Russian Statistics*

Das várias revisões críticas publicadas sobre o livro de Colin Clark (1946), passaremos duas em revista: Dobb (1939) e Hayek (1941). Polanyi também escreveu, em 1939, uma revisão crítica do livro de Clark, que discutiremos a seguir.

(a) Maurice Dobb

A revisão crítica de Maurice Dobb foi publicada na *Science & Society*, uma revista académica de pensamento e análise marxista, fundada em 1936 e com base nos E.U.A., mas que nas décadas de 30 e 40 do século XX teve grande influência de autores britânicos. Escrita num tom mais académico e cuidado do que a revisão que publicara em 1935 sobre o ensaio de Polanyi (1935), Dobb classifica agora a análise de Clark como “interessante” e pretendendo algo que até aí “não tinha ainda sido feito de uma forma compreensiva”, dada a “atmosfera de ceticismo criada por autores de índole hostil para com a USSR” acerca das estatísticas soviéticas. O ensaio de Polanyi é agora completamente ignorado por Dobb, apesar de ter sido o autor da sua revisão crítica no *Daily Worker* (discutida em secção anterior). E Dobb aproveita para tirar partido imediato do texto de Clark para absolver “as estatísticas soviéticas de um enviesamento otimista de quem têm sido frequentemente acusadas - ou, pelo menos, de um enviesamento deliberado”.

(b) F. Hayek

Em 1941, depois de publicação de *The Contempt of Freedom*, Hayek publicou na *Economica* uma revisão do livro de Polanyi e do livro de Colin Clark. Referindo-se ao ensaio de Polanyi sobre a economia soviética, Hayek classifica-o de notável pois

“as conclusões principais de Polanyi foram confirmadas pela investigação mais extensiva e mais detalhada de Colin Clark, para quem o estudo de Polanyi serviu, sem dúvida, de ponto de partida”.

Relativamente à obra de Clark, Hayek recorda que o autor tratou os “problemas difíceis que a utilização das estatísticas soviéticas levanta com o virtuosismo a que nos habituou” e chama especialmente a atenção para o “diabo do malthusianismo” assinalado por Clark e as suas potenciais consequências.

No final, Hayek apresenta duas pequenas tabelas elaboradas a partir dos dados de Clark, onde mostra a evolução de produção per capita do setor agrícola e não agrícola nos anos de 1913, 1928, 1934 e 1937, assim como as populações ativas correspondentes. Os números mostram uma quebra de produtividade anual do setor

agrícola até 1934, com alguma recuperação até 1937, mas mantendo-se ainda um pouco abaixo do valor de 1913. Ao mesmo tempo, a população ativa associada aumentou cerca de 6 milhões. Em contrapartida os ganhos de produtividade do resto de economia (onde se inclui o contributo importante do setor industrial) foram substanciais, com um aumento significativo de população associada (10 milhões). Mas a ocupação no setor agrícola variou apenas de 71% (em 1913) para 63% de população ativa total (em 1937)

(c) Michael Polanyi

Polanyi escreveu, em 1939, antes da publicação de *The Contempt of Freedom*, uma revisão crítica do livro de Colin Clark sobre as estatísticas russas, onde também discute dois pontos da crítica de Clark ao seu ensaio de 1935. Este texto nunca terá sido publicado (147). Parece por isso oportuno recordar aqui esse texto inédito:

Esta inquirição breve é do maior significado, representando o primeiro estudo da Rússia Soviética durante o período do plano quinquenal, por uma autoridade em estatística. Mostra o facto espantoso de 22 anos depois de uma revolução ter agitado a humanidade com a expectativa de uma grande experiência económica continuamos a ser incapazes de avaliar os seus resultados porque os dados russos da produção, expressos em rublos, não têm qualquer significado. Clark confirma que, tal como assinalado nesta publicação em 1934 (148), o grande aumento de rendimento nacional reivindicado por esses dados não tem qualquer relação com a realidade porque, tal como ele diz, “nas circunstâncias russas o uso de índices baseados nos preços prevalecentes onze anos antes (1928) é muito pouco apropriado para medir as variações na produção industrial”.

Mas, nesse caso, como é que é conduzido o planeamento? O governo da U.R.S.S. faz, em privado, uma revisão do seu uso através de um sistema elaborado de comparações com os preços britânicos ou outros preços livres, segundo as linhas de Clark? No entanto, o mais provável é que estes dados distorcidos, que os burocratas do poder impõem ao seu povo, sejam aceites por si mesmos, como o único espelho da realidade que lhes é acessível.

Excepto dois pontos em particular, eu estou de acordo com a crítica de Clark acerca do meu ensaio de 1935 sobre a U.R.S.S.. Mas não aceito a sua valoração do pão negro russo, que ele faz equivaler ao pão de carcaça britânico. A farinha moída a 99-97% não pode ser valorizada como farinha moída a 68%. De acordo com o livro de P. de Hevesy “World Wheat Planning”, a ser publicado em

breve pela Oxford University Press (1939), o preço do pão negro russo era de 0,83 rublos em 1938, contra 2.8 rublos para o pão de mistura (trigo e centeio). Considerando esta relação, então a minha valorização estava realmente demasiado alta. Também não estou de acordo com a inclusão de 10 xelins de tarifas de transportes no valor do rendimento real do trabalhador. Eu prefiro considerar antes os custos de transportes para o local de trabalho como uma contribuição para os custos de produção por parte do trabalhador (a menos de ligados com a escolha de um distrito especial para habitação) e a minha estimativa de 1935 tinha isso em consideração. Com estas revisões, a estimativa de Clark para o equivalente britânico do rendimento mensal de um trabalhador soviético em 1934 deve ser reduzido de 70/4 para menos do que 60 xelins e a diferença para com a minha própria estimativa de 52/6 xelins fica ainda mais reduzida.”

14. Polanyi, anos 40: revisões críticas de obras sobre a U.R.S.S.

A economia e as estatísticas soviéticas continuaram a suscitar o interesse de Polanyi durante, pelo menos, os doze anos posteriores ao seu ensaio de 1935. Entre 1939 e 1947, Polanyi escreveu várias revisões críticas de obras relacionadas com a economia soviética. A primeira, que nunca terá sido publicada e que já tratamos na secção anterior, foi sobre o livro de Colin Clark (1939).

Identificamos mais cinco textos, todos eles muito pouco conhecidos, três dos quais publicados no *The Manchester Guardian*, outro na *Economica* e ainda um outro que julgamos continuar inédito. Destes cinco textos, apenas a revisão publicada em 1943 no *The Manchester Guardian* aparece referenciado na bibliografia incluída na biografia de Scott e Moleski.

(a) Sobre Eugene Varga

Em 1940 Polanyi escreveu uma revisão da obra de E. Varga, *Two Systems: Socialist Economy and Capitalist Economy*, publicada em 1939 (149). Eugene Varga (1879-1964) foi um proeminente economista marxista, de origem húngara, que nos anos trinta colaborou muito de perto com Estaline, como assessor económico, tendo sobrevivido às purgas estalinistas.

Este texto de Polanyi nunca terá sido publicado. Polanyi terá recuperado parte dele como uma nota do ensaio “Collectivist planning”, publicado no livro *The Contempt of Freedom (1940)* (150). Julga-se por isso de interesse divulgar a sua tradução completa:

Trata-se de uma publicação oficial por um economista soviético bem treinado, escrita num tom comparativamente calmo, sem o uso excessivo de frases especificamente marxistas. A vantagem socialista que apresenta baseia-se quase inteiramente nos méritos do “planeamento” para assegurar o pleno emprego de homens e equipamento. Ao eliminar o desemprego, os soviéticos reclamam estar a usar os seus recursos de forma mais eficiente e, acima de tudo, estar a desenvolver esses recursos a um ritmo muito superior ao do capitalismo.

Varga poderá ser uma das poucas pessoas na U.R.S.S. que sabe como é que o planeamento aí é realmente feito; mas não o explica. A transferência de produtos de uma empresa para outra e para o consumidor final faz-se por venda e compra (p. 97), mas não é a concorrência que define o preço e também não é a perspectiva de lucros

que determina quais os bens a produzir (p. 96). O planeamento é guiado pela tendência das compras (p. 120), mas isso é, por sua vez, demasiado complicado para ser explicado de uma forma breve (p. 225).

As reivindicações exageradas da expansão soviética passam agora das marcas. É-nos dito, através de um conjunto detalhado de figuras (p. 40 e 239) que a produção industrial aumentou 8.5 vezes entre 1926 e 1938. De acordo com o *U.S.S.R. Handbook* (Gollancz, p. 146) a produção industrial em 1926 ultrapassou o nível de 1913; e, de acordo com Colin Clark, p. 13, os bens e serviços não alimentares e as rendas produzidas em 1913, dentro do território compreendido pela União Soviética em 1938, aumentaram para 1200 milhões UKP em preços britânicos de 1934. O que nos leva a uma produção industrial de 10200 milhões UKP em 1938. Segue-se que esta soma, que é entre duas a três vezes o rendimento nacional do Reino Unido, foi produzida (e consumida) em 1938 pela população industrial de U.R.S.S. - que era então um pouco inferior à população total do Reino Unido. É claro que o resultado é fantástico. A verdade reflete-se na estimativa de C. Clark (p. 49-50) segundo a qual a produção industrial por trabalhador na U.R.S.S., em 1934, era apenas 2/5 do valor britânico.

Seria muito importante saber se o governo soviético se baseia nas suas estatísticas extravagantes; as implicações de tal suposição para o sistema de planeamento socialista, tal como praticado na Rússia, parece ser demasiado indicador para que se possa ignorar; mas o tom do livro de Varga parece sugerir que ele realmente confia mesmo nos seus números.

(b) Sobre Harold Laski

Harold Laski (1893-1950) foi um dos intelectuais britânicos mais influentes na defesa de um socialismo marxista, no período entre as duas guerras. Chegou a presidente do partido trabalhista no final da segunda guerra mundial, mas a sua defesa da revolução, eventualmente violenta, levou ao seu afastamento. Economista, foi executivo de Fabian Society (1922-1936) e professor na London School of Economics (a partir de 1920). Em 1943 publicou o livro *Reflection on the Revolution of Our Time*. A crítica de Polanyi apareceu no *The Manchester Guardian*, em outubro do mesmo ano (151). Dado ser pouco conhecido, apresentamos a sua tradução completa:

Os pensamentos de Laski são importantes, mesmo que não consigam convencer. A sua tese orientadora é esta: desde algum tempo, o capitalismo entrou numa fase de contração, que resultou num desemprego de massas. A Rússia soviética acabou com o desemprego substituindo, na orientação das empresas, os motivos do lucro pelo planeamento. E sendo esta é a única forma de atingir o pleno emprego, o capitalismo está condenado a ser substituído, em qualquer lugar, por uma economia planificada; as empresas privadas, “a motivação do lucro e o mecanismo neutro do mercado” estão condenados a desaparecer.

Laski assume este argumento popular como garantido em toda a sua crueza. As estatísticas económicas e os progressos recentes do pensamento económico fazem-lhe pouca impressão. O reconhecimento a que chegaram tanto Estaline como os modernos teóricos socialistas, segundo o qual a propriedade pública não suplanta as operações comercialmente rentáveis mas, antes pelo contrário, deve fazer um uso vigoroso disso para a sua própria orientação, implica a necessidade de considerar o contraste popular entre o “planeamento” soviético e o “mecanismo neutro do mercado”. À luz da moderna teoria do desemprego das massas, ele devia conhecer o papel tido por uma política financeira notoriamente expansionista na prevenção do desemprego na Rússia soviética - e também porque é que uma tal política não poderá prevenir o desemprego sob o capitalismo.

Nas suas referências extensivas aos valores na sociedade, a atitude acrítica de Laski é igualmente desconcertante. Fundamentalmente, professa os pontos de vista marxistas. Diz que “os valores de civilização são sempre definidos pela proporção entre as suas forças produtivas e as suas relações de produção” (p. 182). “Dito de uma forma simples, o renascimento da fé nos valores entre os homens significa a criação de condições para expandir o bem estar” (p. 183). Mas precisamente antes disso (p. 181) menciona o tempo de Coolidge - prosperidade na América. Foi um período em que a fé e os valores renasceram? Não foi, antes pelo contrário, um período de grande cinismo? Laski paga repetidamente tributo ao renascimento de valores no mundo depois de Dunkirk. Certamente que esse renascimento nada tem a ver com a expansão de prosperidade. Laski incita-nos a manter “os

valores da nossa civilização como princípios vivos de acreditar e de ação” (p. 183). Mas porquê? Acaba de nos ensinar que cada estado de prosperidade determina os seus próprios valores mais apropriados, logo negando qualquer padrão pelo qual um dado conjunto de valores possa ser, por si mesmo, preferível a outro conjunto. No entanto, um momento depois (p. 191), congratula-se com a tendência entre os cientistas para prosseguir a prosperidade em vez daquilo que ele pensa ser apropriado descrever como “uma abstração imaginária chamada verdade objetiva”. Uma pessoa teria pensado que a verdade objetiva seria um dos valores mais importantes da nossa civilização.

A lista de incompatibilidades poderia alargar-se indefinidamente. É difícil dar valor à fluência e aos vivos sentimentos políticos de Laski quando estes servem como veículo para uma tal sequência de afirmações acríticas.

(c) Sobre Feiler e Marshack (eds.)

No ano seguinte (1944), Polanyi publicou no *The Manchester Guardian* uma revisão de uma obra editada por A. Feiler e J. Marshack, *Soviet Industry. Management in Russian Industry and Agriculture*, com textos de Gregory Bienstock, Solomon M. Schwarz e Aaron Yugow (152):

Esta descrição da administração das fábricas e quintas coletivas na Rússia soviética constitui uma leitura fascinante. Todos os três autores, assim como o professor J. Marschak, que escreve uma introdução, são de origem russa e o seu trabalho baseia-se exclusivamente em material russo.

Conscientes das suas responsabilidades académicas, tentam avaliar a evidência a partir de ângulos opostos. Representa socialismo ou capitalismo? Democracia ou opressão, sistema planificado ou com fins lucrativos, enriquecimento ou idealismo, sociedade sem classes ou desigualdade, eficiência ou desperdício, harmonia sólida ou luta interna? Estas questões estão sempre presentes como pano de fundo e vão sendo tentativamente respondidas em vários pontos. Parece que, desde 1932, o desenvolvimento tem sido feito globalmente pela formação de empresas orientadas comercialmente de forma independente, com facilidades crescentes para contratos mútuos; mas a alocação centralizada do capital

ainda continua proeminente. O incentivo monetário tornou-se cada vez mais importante, tal como os bónus para o pessoal dirigente terem sido aumentados para tanto como 150 mil rublos, mas o espírito público continuou a ter o seu papel na indução do esforço económico. Uma enorme sobrecarga de organização estatal continuou a causar atrasos escandalosos e desvios, mas os avanços na produção por trabalhador mostram claramente que o progresso foi mantido, apesar disso. Há evidência da formação de uma classe superior hereditária muito bem paga e baseada no acesso a oportunidades de educação que são demasiado caras para as crianças de trabalhadores manuais ou agricultores, e isso é oferecido como uma possível explicação para a redução de tensão observada na administração industrial. Os autores talvez não tenham aprofundado muito sobre o pano de fundo da mudança que descrevem, mas certamente abriram caminho para a sua elucidação futura.

(d) Sobre A. Baykov

Alexander Baykov (1899 – 1963) foi chefe do departamento de economia e instituições soviéticas na Universidade de Birmingham (1939-1945), depois de ter sido professor na Universidade de Praga (1935-1939), onde trabalhou com o Professor S. Prokopovich. Em 1946 publicou uma obra influente - *Soviet Economics. The Development of the Soviet Economic System. An essay on the experience of planning in the U.S.S.R.*, que Polanyi passou em revista no jornal *The Manchester Guardian* (153):

Este livro é uma primeira tentativa para um exame sistemático das instituições económicas da Rússia soviética. Tendo saído de URSS no verão de 1920, Baykov tem sido um estudioso dos seus assuntos, vistos a partir do exterior, durante um quarto de século.

A colecção de fontes russas que absorveu é impressionante e a sua interpretação mostra o seu à vontade com os acontecimentos no seu país nativo. É um académico, apesar de talvez mais preocupado com os documentos do que com a vida por trás deles, mas nunca é um mero compilador de documentos. De qualquer modo, os documentos estão compilados de uma forma tão clara e completa que, sob esse ponto de vista, o livro merece um sucesso permanente e estará em uso constante durante os próximos anos em que o estudo dos assuntos soviéticos

constituirá uma das principais esperanças para se encontrar um caminho entre o ocidente e o oriente. Tornar-se-á numa obra de referência.

E a Rússia soviética é o assunto mais controverso do mundo! Baykov evita a política e pretende investigar o todo para “tirar as suas próprias conclusões”. Mas as suas simpatias estão com o sistema soviético. Acredita que os seus autores descobriram uma “nova técnica para dirigir os processos económicos”. Encontra pouco uso para os livros de texto de economia, com o seu conhecimento teórico que “pretende estudar o funcionamento de um sistema competitivo de economia imaginário, que já não existe”. Pensa que os economistas soviéticos pouco podem beneficiar do seu estudo. Ao dizer isto Baykov põe também de lado os últimos doze anos de teoria económica do socialismo representada, em particular, por H. D. Dickinson, Oscar Lange, James E. Meade e A. P. Lerner. Baseando-se na moderna teoria económica, estes autores construíram um conceito de planeamento económico que, sejam quais foram as suas falhas, é pelo menos algo de bem definido. Mas não consigo encontrar nenhuma imagem clara do planeamento económica na descrição que Baykov faz da economia soviética. Não ajuda dizer, por exemplo, que “a informação recebida das províncias, conjuntamente com as instruções governamentais, permitem que o Gosplan da U.R.S.S. possa trabalhar os números sumários de controlo do segundo plano quinquenal”. O que é que isso quer dizer? Tanto quanto possa dizer, Baykov não parece entender a natureza dos problemas aqui envolvidos e as suas implicações profundas.

(e) Sobre S. Prokopovich

No ano seguinte, 1947, Polanyi publicou na *Economica* uma revisão crítica de uma obra de publicada em alemão, em 1944, com o título *Russlands Volkswirtschaft unter den sowjets*, de Sergei Prokopovich (139).

Prokopovich (1871-1955) foi um economista russo, expulso da USSR em 1922, depois de uma longa carreira política no campo liberal, antes da revolução. No exílio publicou regularmente informação sobre a economia soviética. Polanyi reconhece isso logo no início do texto:

“Este livro é de um emigrado russo de alta categoria; professor na Universidade de Moscovo durante algum tempo, assim como membro do

governo provisório em 1917”. Apesar disso, Prokopovich “está convencido que os mercados livres estão em geral condenados e que serão no futuro substituídos por sistemas económicos planificados. Mas, por outro lado, acredita que a experiência comunista na Rússia foi prematura, dado que o país não reunia ainda as condições que considera essenciais para o estabelecimento de uma economia planificada - em particular, um elevado nível de custos fixos e uma tendência para a cartelização”.

Mas Polanyi também reconhece que Prokopovich “não hesita em assinalar os vários insucessos da experiência russa, mantendo globalmente uma atitude de saudável equilíbrio académico”.

Polanyi aproveita para uma discussão dos números do censo de 1939 e a possível dimensão do impacto humano das crises de fome ocorridas, em especial na Ucrânia. Usa também os dados do livro relativos à deterioração das condições de vida e rendimentos dos trabalhadores no período de 1933 a 1940 para questionar os dados oficiais anunciados para o aumento do rendimento nacional durante os três planos quinquenais, dada a “discrepância entre esses números e a quebra catastrófica do padrão de nível de vida descrita” por Prokopovich.

Polanyi conclui que o autor mostrou ser “um observador cândido cujas explorações merecem a atenção dos estudiosos de Rússia soviética. Mas os seus resultados dificilmente justificam a sua acusação de que os observadores ocidentais ignoram voluntariamente os sucessos económicos russos. Não, o problema não está neles”.

15. Colin Clark, doze anos depois

A polémica sobre a qualidade dos dados soviéticos e o comportamento real da economia soviética continuou por muito tempo - na realidade até mesmo depois do final do regime soviético. Doze anos depois de publicar *A Critique of Russian statistics*, Colin Clark continuava interessado no assunto. Em 1947 o influente economista americano Seymour Harris (1897-1974), um professor em Harvard e um dos primeiros defensores do keynesianismo, liderou um grupo de cinco especialistas que se debruçaram, uma vez mais, sobre o tema. Colin Clark integrou esse grupo, que é descrito em notícia então publicada pelo *The New York Times* como “assessor financeiro do governo australiano e uma figura proeminente em estatísticas comparadas de rendimento nacional” (155).

O relatório critica a predisposição de muitos economistas para aceitar acriticamente as estatísticas soviéticas e atribui, uma vez mais, parte do problema ao facto do índice de produção industrial publicado ser calculado a preços de 1926-27. Refere-se aí que na contribuição de Clark é feita uma referência explícita ao contributo precursor de Michael Polanyi: Clark “mediu a produção russa pelo mesmo método do Professor Polanyi da Universidade de Manchester”, recorrendo a “unidades internacionais”, a metodologia desenvolvida por Clark para comparações internacionais de poder aquisitivo, uma inovação que Angus Maddison classificou, quase sessenta anos depois, como a mais importante das várias inovações introduzidas por Clark em 1940 (156). Globalmente o relatório conclui que o potencial económico soviético tem sido exagerado por estatísticas oficiais enviesadas e que o seu crescimento económico tem sido “fortemente distorcido”.

O relatório de Seymour e as cinco contribuições individuais foram publicadas no *Review of Economics and Statistics* (editada pela MIT Press), em novembro de 1947 (157). Na sequência do seu texto de 1940, Colin Clark começa por inventariar sete razões diferentes pelas quais é “muito difícil a interpretação das estatísticas dos rendimentos soviéticos” para depois concluir que “os preços russos não podem ser usados”. A alternativa é usar um dispositivo que “compare a produção ou os custos russos aos preços prevalecentes noutros países”. E reconhece que “*o pioneiro do uso deste dispositivo foi o Professor Polanyi em artigo no The Manchester School em 1935*” (itálico de nossa responsabilidade).

Pelas estimativas que estabeleceu para o rendimento nacional soviético, Clark conclui que a produtividade soviética do trabalho era em 1928 próxima do valor de 1913, mas que teve um mínimo durante 1932-34, anos do primeiro plano quinquenal, tendo

depois chegado a valores de apenas 2/3 dos valores de 1913 ou de 1928, recuperando em 1936 para o nível de 1928 e aumentando 25% daí até 1939.

Maurice Dobb aparece uma vez mais associado à discussão. A convite do editor, Dobb aparece em 1948 a discutir as várias contribuições para o número especial da revista *The Review of Economics and Statistics*, num texto com Harry Schwartz. A sua grande preocupação foi o “enviesamento ascendente” que os vários autores encontraram nas estatísticas oficiais soviéticas. O seu jogo ambivalente perante a contribuição de Colin Clark é óbvio: por um lado aplaude o autor pela sua “bravura” e “coragem” em ousar fazer um cálculo independente do rendimento nacional soviético, por outro lado mostra-se cético e pouco confiante por não ter acesso ao detalhe integral dos cálculos de Clark. Décadas depois, é o texto de Dobb que parece embebido de um esforço desesperado por encontrar argumentos salvíficos - um manifesto “enviesamento ascendente” ...

16. Uma reavaliação “a posteriori”

Os problemas das estatísticas soviéticas têm feito correr muita tinta. Um século depois, ou quase, as conclusões parecem consolidar (158). As contribuições de Polanyi e de Clark podem agora ser vistas dentro dessa perspetiva “a posteriori” - e reconhecer a sua originalidade, coragem e correção.

Wheatcroft e Davies oferecem uma síntese da discussão sobre as estatísticas soviéticas e das distorções associadas, parte de uma colecção de ensaios sobre a transformação da economia soviética (1913- 1945) (159). O problema foi que as autoridades soviéticas procuravam objetivos contraditórios para o sistema estatístico e seus resultados: não só conhecer a realidade dos seus sucessos e insucessos relativamente às prioridades estabelecidas, mas também ter instrumentos para penalizar e recompensar esses sucessos e insucessos, o que naturalmente constituiu um forte incentivo para os atores exagerarem os resultados sem que as autoridades centrais o pudessem detetar, sempre ou atempadamente. Também os interesses concorrenciais dentro do partido e do aparelho de Estado tinham os seus próprios interesses para refletir nos dados estatísticos.

Mas as estatísticas serviam também para fins de propaganda exterior: “as estatísticas publicadas sofriam ainda distorções relativamente às estatísticas internas para uso interno: os sucessos soviéticos eram exagerados e os insucessos eram minimizados ou simplesmente omitidos dos registos publicados”. A paixão soviética pelo segredo de estado também não ajudava.

Ainda segundo Wheatcroft e Davies, “no pior dos casos, as estatísticas soviéticas publicadas eram deliberadamente falsificadas”, como no caso das colheitas e dados demográficos (no censo de 1939), em especial os dados sobre a mortalidade. E ainda: “salvo esses casos de falsificação deliberadas, as autoridades adotaram sempre as séries estatísticas que ofereciam a apresentação mais favorável da taxa de crescimento”, donde a dificuldade de estimar objetivamente o crescimento da economia nesse período.

Estes autores retomam os mesmos argumentos que já tinham sido adiantados por Polanyi e por Clark: quando “a composição dos produtos e os preços relativos dos diferentes tipos de produtos diferem consideravelmente ao longo do tempo, em especial numa economia em crescimento rápido, a escolha do ano base para estimativa dos índices pode fazer uma diferença considerável sobre o resultado”. Aliás os autores

recordam a tentativa de Colin Clark estimar, em 1939, “a ordem de grandeza do crescimento soviético através de valorização de um pequeno grupo de bens” (que, recorde-se, foi a metodologia inicial de Polanyi) tendo concluído que “os índices oficiais para o crescimento global estavam muito exagerados”.

Em ensaio mais recente, Ellman (160) trata dos contributos dos novos acessos aos arquivos soviéticos para a compreensão da política económica do estalinismo e compara a crítica anterior com a evidência do novo acesso (dito “revolucionário”) aos arquivos, depois de queda do império soviético. O primeiro plano quinquenal soviético iniciou-se antes do período traumático da grande depressão ocidental e isso ajudou a criar uma imagem da economia soviética planificada centralmente como um sistema racional, em contraposição com o sistema capitalista anárquico e ineficiente. Muitos argumentaram que o planeamento central assegurava não só um crescimento elevado como uma melhor alocação dos recursos de acordo com as necessidades sociais e a consequente eliminação do desemprego de massas.

Polanyi e Clark foram dos primeiros académicos a discutir criticamente as taxas de crescimento publicadas pelos soviéticos, através de evidências quantitativas e a argumentarem que as taxas reais conseguidas eram inferiores às anunciadas oficialmente. Ellman (2008) cita a crítica de Clark (1939) como pioneira, mas não refere a contribuição de Polanyi. E conclui que “globalmente a imagem do planeamento central que emerge da revolução do acesso aos arquivos confirma os pontos de vista dos economistas críticos que se basearam em fontes publicadas pelos soviéticos e nas suas impressões pessoais” e rejeita a visão do planeamento central como um “processo racional e socialmente harmoniosos”. Embora (uma vez mais) Polanyi não seja citado, a conclusão contemporânea de Ellman também lhe diz respeito. Em edição revista mais recente de uma outra obra influente revê a crítica do planeamento socialista retomando muitas das críticas inicialmente avançadas por Polanyi (161). Citando Clark (mas não Polanyi), o autor revê a crítica ao cálculo do crescimento pelos índices soviéticos e a salienta a inflação oculta (que levou a que aumentos de preços dos bens também fossem medidos como aumentos de produção). Ellman confirma também que a “reforma de economia” (aquilo que Polanyi refere em 1935 como sendo a adopção de medidas de mercado) “vem desde a aurora da economia planificada”.

O ensaio de Colin Clark (1939) é reconhecido na literatura como a uma aplicação pioneira da ideia de ppp (purchasing power parity). Por exemplo, Jefferies refere que foi o primeiro uso extensivo da paridade de poder aquisitivo (162) e Wiles faz uma referência semelhante (163).

17. Michael Polanyi: do ensaio de 1935 para a conferência de 1937

Pouco mais do que um ano depois da publicação do ensaio sobre a economia soviética, Polanyi fez, em Março de 1937, uma conferência sobre o vigésimo aniversário da revolução russa, em Manchester (164). Na ocasião Polanyi recorreu a ideias e dados que apareceram pela primeira vez no ensaio de 1935. Polanyi lamenta na abertura da conferência “o facto infeliz da revolução russa não ter sido estudada, de forma alguma, numa dimensão proporcional à sua importância. O caso está quase por completo nas mãos da literatura partidária e é extremamente difícil descobrir os factos vitais”.

Nessa conferência Polanyi terá exibido, com o auxílio de um projetor do tipo “lanterna mágica”, a tabela sobre a produção da indústria pesada que aparece no ensaio de 1935 (165) assim como dois gráficos novos, um sobre a evolução da população (em milhões de pessoas) e outro sobre a evolução do número de cabeças de animais domésticos, os quais incluem dados de 1913 até 1934 e as projeções do plano quinquenal, para 1938 (166). Assinale-se o uso de meios (então) “avançados” de visualização de dados, considerando as tecnologias de altura. No ano anterior Polanyi tinha defendido o recurso a novas técnicas de “apresentação visual de assuntos sociais” como forma de educação das massas sobre o funcionamento do sistema económico (167).

Em 1937, Polanyi volta a dois pontos importantes do ensaio de 1935: o papel das medidas de mercado, preços e incentivos individuais nos sucessos económicos dos soviéticos e reconhece a dimensão e a importância da mobilização das massas conseguida pelo sistema soviético. Afinal a concorrência era indispensável, mesmo numa economia socialista e a abolição completa das diferenças individuais era uma utopia, ainda que admita ser possível a operação mais ou menos eficiente das indústrias em grande escala num regime socialista.

Na conferência de 1937 Polanyi recupera especialmente algumas das ideias de última secção (IV) do ensaio de 1935, sobre “a força diretriz da USSR”, onde discutiu o espírito de “comunidade de pioneiros” e a motivação para o trabalho, para a educação e para o sucesso pessoal que encontrou nas suas visitas à Rússia, assim como “a grande vantagem espiritual que os trabalhadores tiram da unificação da consciência económica”, o que justifica que a ditadura seja aí aclamada como libertadora pelos trabalhadores. Os trabalhadores “não são mais donos das suas fábricas do que um cidadão britânico é dono da Marinha britânica. Mas são donos, em certa medida, e, como tal, têm orgulho nas suas fábricas do mesmo modo que os britânicos têm orgulho na sua Marinha”.

Como vimos, na conclusão do ensaio Polanyi lamenta que “uma das tragédias da humanidade parece ser que as formas mais intensas de consciência social são invariavelmente destrutivas”. E adianta que para evitar esta destruição “a comunidade precisa de se tornar consciente do propósito da vida diária por outros meios que não a revolução social”. É esta lição da revolução russa que Polanyi pretende aproveitar para a reformulação do liberalismo como filosofia política capaz de motivar as massas, livres, conscientes e responsáveis.

Na conferência em 1937 Polanyi reconhece existir, nas democracias ocidentais, um “descontentamento generalizado com o sistema económico liberal” e que a experiência russa com os planos quinquenais evidencia a importância de uma “consciência social na vida económica” e de “um grande propósito que domine a vida económica de comunidade” que dê “sentido à vida das pessoas” assim como um “novo espírito que exija uma vida económica que tenha objetivos sociais”. Polanyi classifica mesmo o plano quinquenal como “um plano grandioso inspirado pela coragem e imaginação, com poucos paralelos na história”. O exemplo soviético reforçou muito a “exigência pela responsabilidade pública na vida económica” e tornou-se mesmo uma exemplo inspirador, “uma das grandes causas do nosso tempo”. A economia liberal não pode continuar a ser uma cooperação baseada unicamente no jogo automático da interação dos interesses individuais, o modelo tradicional do *laissez faire* liberal, “sem nunca se tornar num poder espiritual”.

Polanyi concluiu a conferência de 1937 reforçando essa mesma ideia: “a exigência de uma consciência social para a vida económica apenas agora está a começar a fazer o seu caminho na história. Eu penso que neste século é uma força histórica ainda mais fundamental do que a ideia nacional e que a luta por isso dominará a vida pública até que se encontre uma satisfação razoável”. Ou seja, Polanyi encontra na revolução russa uma forte inspiração e lições urgentes para a reforma do liberalismo ocidental - na sequência das ideias expressas no ensaio de 1935.

18. O pleno emprego soviético e a inflação

Cerca de dez anos depois do ensaio sobre a economia soviética, Polanyi publicou *Full Employment and Free Trade* (1945), uma obra de defesa de um keynesianismo liberal onde o controlo da circulação monetária aparece como a variável fundamental para gerir os altos e baixos do ciclo dos negócios.

O capítulo 2 do livro (“o pleno emprego na Rússia soviética”) desconstrói o argumento da propaganda soviética segundo a qual o anunciado grande sucesso da eliminação do desemprego seria um resultado direto da alocação “científica” de recursos numa economia planificada centralmente. Polanyi mostra antes que um forte enviesamento inflacionário foi a grande força por trás do anunciado pleno emprego soviético (168): “Foi no meio de uma ... enorme catástrofe [no fim do período de Nova Política Económica] que o governo soviético descobriu que tinha eliminado o desemprego na indústria” (169). Uma expansão “explosivamente inflacionária” resultante do aumento dramático da circulação monetária através do financiamento direto dos prejuízos das empresas públicas e que absorveu toda a mão de obra industrial disponível - inclusive alguns milhões oriundos do mundo rural.

Ellman (2014) escreve que o novo acesso aos arquivos confirma que a “moeda soviética desempenhou várias funções importantes” e que não era, na realidade, uma “verdadeira moeda”, pois o seu valor foi “minado pela inflação e por confiscações periódicas (parciais)”, o que está de acordo com a tese de Polanyi no livro de 1945. A questão da inflação oculta na economia soviética foi mais recentemente tratada por Harrison (170) e confirma a análise de Polanyi. Harrison (que, uma vez mais, não cita Polanyi, mas refere Clark) conclui que “a evidência agora disponível sugere que, de 1928 a 1955, a inflação escondida nos preços originais provavelmente andou entre os 150% e os 200% para a indústria como um todo e nos 100 a 160% para os bens de equipamento”.

Em 1958, mais de dez anos depois de publicação do livro *Full Employment and Free Trade*, Colin Clark publicou um ensaio na revista *Encounter* sobre as falácias dos economistas onde escreveu:

“Aconteceram aberrações mentais que haviam de condenar muitos países durante os anos vinte, e quase todo mundo nos anos trinta, a um desemprego devastador. (A Rússia Soviética foi uma exceção, onde o “desemprego foi abolido como uma categoria administrativa” nos anos trinta, o que é uma outra forma de dizer que os desempregados foram mandados compulsivamente para trabalhos escolhidos por alguém mas não pôr eles)” (171),

Polanyi reagiu ao ensaio de Colin Clark com uma carta ao editor, no número seguinte da revista, onde recorda que é um erro atribuir a abolição do desemprego, na Rússia soviética em 1930, a uma direção compulsória do trabalho (172). O desemprego acabou antes devido a uma “inundação de dinheiro bombeado para as empresas, fruto do plano quinquenal, que criou uma procura ubíqua por mão de obra. A direção só foi imposta depois, como reação à rotação excessiva da mão de obra criada pela competição intensa entre empresas rivais pelos trabalhadores disponíveis” - escreveu Polanyi, retomando portanto as suas idéias anteriores sobre desemprego, expostas no livro de 1945.

Dado este texto de Polanyi ser muito pouco conhecido (173), apresenta-se a sua tradução completa::

Penso que Colin Clark se engana quando atribui a abolição a abolição do desemprego na Rússia soviética em 1930 há direção compulsória do trabalho. O desemprego desapareceu devido à inundação de dinheiro bombeado para as empresas desde o início dos planos quinquenais ter criado uma procura ubíquo por mão de obra. A direção só foi imposta posteriormente, para contrariar a rotação excessiva de mão de obra devida há competição intensa de empresas rivais pelos trabalhadores disponíveis.

Uma história semelhante, embora a uma escala menos dramática, pode ser contada acerca do governo trabalhista. O desemprego foi eliminado por um aumento do fluxo de dinheiro, cuja origem continua, neste caso, a não ser clara. À medida que este fluxo produziu efeitos laterais indesejáveis, o governo entrou em ação para controlar a circulação monetária, em vários pontos. E também aqui, um público obcecado com o fantasma do planeamento económico acolheu com entusiasmo (um executou) essas medidas de controlo como ações vigorosas para “planeamento para o pleno emprego”.

Nos últimos anos, tanto o governo soviético como o governo britânico aprenderam a manter uma circulação monetária suficiente drm grande excesso. Logo ambos os países puderam abandonar gradualmente as restrições anteriores sobre os gastos do dinheiro. No que diz respeito ao Reino Unido, a excitação sobre as supostas benesses (ou servidões incapacitantes) do planeamento económico rapidamente diminuíram, mas não foi esse o caso de n nossa relação com acontecimentos

semelhantes na Rússia soviética. Embora os livros de texto russos sobre economia e a atual discussão teórica entre economistas russos mostrem quanto precária é a reivindicação soviética de ter substituído a direção comercial das empresas por uma gestão “socialista” radicalmente diferente, a propaganda ocidental continua a acusar o governo soviético de ter feito precisamente isto. É bem possível que os nossos ataques sejam, hoje em dia, a principal suporte do prestígio do governo socialista.

A propaganda ocidental tem duas frentes. Insiste que o sistema económico soviético é uma personificação do socialismo e afirma que os horrores do regime são acessórios desse socialismo. Mas parece improvável que este aviso obscuro tenha amedrontado e afastado muitas pessoas de apoiarem o campo comunista. Na realidade, constitui música nos carros dos líderes das massas rebeldes em todo o mundo. Ouviram-se a si mesmo a ocupar a posição pressagiada a que aspiravam. Sentiram-se confirmados no seu papel de benfeitores sem escrúpulos de humanidade, como revolucionários baseados na ciência e que desprezavam o humanitarismo liberal. Qualquer violência que os tentasse estava antecipadamente sancionada, pelos seus próprios inimigos, em nome do socialismo. Devemos ajudar a opinião comunista a chegar a uma avaliação mais sóbria das suas aspirações, mais do que reforçar as suas reivindicações ilusórias através das nossas respostas alarmantes.

O interessante deste episódio é mostrar que, no mesmo ano em que publica a sua grande obra *Personal Knowledge*, onde não aparece explicitamente a discussão económica, Polanyi continua a atento e a interessar-se pela discussão económica e preocupado em recordar as ideias económicas propostas no seu livro de 1945 e até mesmo em intervir publicamente sobre isso. Estávamos em 1958, cerca de *trinta anos depois* a carta de Michael Polanyi para o seu irmão Karl, escrita ainda em Berlim.

18. Conclusões

A relevância do ensaio de Polanyi, sob o ponto de vista económico e sob o ponto de vista de desenvolvimento da filosofia liberal de Polanyi não tem sido devidamente reconhecida.

Na área económica, o ensaio foi precursor da comparação de contas nacionais (dados macro económicos) ao mesmo poder aquisitivo constante (ppp), inspirou o trabalho de Clark (1939), a referência unanimemente reconhecida sobre a avaliação independente das estatísticas económicas soviéticas até final dos anos trinta do século XX, que é referência obrigatória nos estudos da soviétologia contemporânea. Estes, por sua vez, têm largamente comprovado a correção global das análises críticas de Clark e de Polanyi, inclusive em face do acesso agora possível aos arquivos soviéticos. E os trabalhos de Clark não só se inspiraram no ensaio de Polanyi, como Clark reconheceu várias vezes, como também confirmaram as conclusões essenciais de Polanyi.

Também a ideia, então polémica, avançada por Polanyi sobre a adoção de mecanismos de mercado e preços, do tipo capitalista, como razão importante dos sucessos soviéticos anunciados nos anos vinte e trinta, foi depois retomado e reconhecido por outros, de forma aparentemente independente, nas décadas posteriores. O caso do livro influente de Timosheff (1949) sobre *The great retreat* é exemplar.

Sob o ponto de vista de filosofia política, Polanyi reflete nesse ensaio de 1935 algumas idéias fundamentais que continuará a desenvolver durante as décadas seguintes: a necessidade de consciência social na política económica, a necessidade de uma idéia liberal renovada e sensível às preocupações sociais, que ultrapasse o *laissez faire* puro e duro e onde a liberdade seja preservada - liberdade pública para além da liberdade individual.

A experiência soviética continuaria no centro de atenção de Polanyi durante muitos anos e a inspirar ou alimentar a sua reflexão sobre o modelo liberal de organização social, incluindo a economia. Polanyi haveria de escrever muito sobre a ordem liberal de sociedade, em especial sobre a importância da ordem dinâmica ou espontânea das atividades intelectuais (como a ciência, a justiça, o mercado económico, ...) nas sociedades livres, linha de inquirição donde resultou a idéia de “sistemas policêntricos”. *The Logic of Liberty* foi o livro de Polanyi onde esses contributos aparecem mais consolidados (174) e que nós argumentamos ser realmente uma marca da fase final do “período económico” de Polanyi. Logo o ensaio de 1935 não foi nada de lateral, um epifenómeno sem continuidade, na carreira de Polanyi. Como evidenciamos

neste ensaio, Polanyi escreveu sobre o assunto mais, e durante mais tempo, do que tem sido reconhecido.

Mais: a inspiração e o interesse de Polanyi sobre a economia soviética e os seus números não apareceu de súbito na sua vida, depois de emigrar para o Reino Unido, em 1933. Como vimos, podemos encontrar já essas preocupações alguns anos antes, ainda em Berlim e na correspondência com o seu irmão Karl Polanyi - tendo as diferenças sobre o ensaio de Michael Polanyi em 1935 sido um contributo importante para as divergências mais acesas entre os dois irmãos.

Este ensaio de 1935 evidencia mais do que a sua capacidade para contributos académicos significativos fora da sua área tradicional na química. Evidencia também os riscos que correu com a sua publicação e recorda a complexa saga de extensa família Polanyi ao longo das dramáticas convulsões sociais de primeira metade do século XX.

Finalmente foi com este ensaio que a rede social de Polanyi no Reino Unido se desenvolveu - não será demais recordar a importância que Ernest Simon teve na carreira de Polanyi, assim como a influência que o casal dos Simons teve na sociedade britânica (e em Manchester em especial) nessas décadas.

Podemos organizar os escritos de Polanyi relativos a esta fase em 4 grupos ou linhas de inquirição:

- a economia e as estatísticas soviéticas
- o modelo liberal (ordem dinâmica e policentricidade),
- o filme sobre macroeconomia e circulação monetária
- o desemprego e o keynesianismo.

Claro que há múltiplas interseções e sobreposições entre estas quatro linhas ao longo de cerca de trinta anos, se considerarmos o período de tempo que vai desde as preocupações de Polanyi expressas na carta de 1929 para o seu irmão Karl até 1958, quando Polanyi reagiu ao ensaio de Colin Clark na revista *Encounter*.

A década de 1935 a 1945 foi o período em que Polanyi mais trabalhou (e escreveu) sobre questões de economia, mesmo que muito fosse tentativo, tenha ficado por publicar ou mesmo por acabar. Mas convém não esquecer que a sua preocupação de fundo não era propriamente uma questão de teoria económica, mas sim as políticas públicas de uma sociedade liberal onde a defesa dos valores e da liberdade tivesse um lugar central.

Os dois primeiros grupos de inquirição atrás identificados (a economia soviética e o modelo liberal (ordem dinâmica e policentricidade)) aparecem muito ligados entre

si, assim como os dois últimos grupos (o filme sobre macroeconomia e o desemprego e keynesianismo liberal, em que a questão de circulação monetária é um ponto comum relevante). Na tabela anexa apresenta-se um diagrama temporal relativo às contribuições mais importantes de primeira das quatro linhas identificadas (a economia e as estatísticas soviéticas), com algumas contribuições relacionadas da segunda linha, incluindo tanto materiais publicados como uma seleção de outros não publicados referidos neste ensaio.

Esta tabela reforça a evidência de como as questões “económicas” deste período foram importantes na produção de Polanyi e se prolongaram ao longo de um período de tempo muito mais alargado que habitualmente reconhecido. Na década de 1935 a 1945 muito do seu trabalho centra-se na questão de organização da sociedade e de economia associada, tema em que empenha uma boa parte do seu tempo, dinheiros e contactos . Durante esse período Polanyi é um homem dividido entre diferentes paixões, pessoais e académicas, procurando pistas na organização social da ciência e da vida científica para entender a organização da economia e da sociedade em geral. Décadas depois, Polanyi escreveria num texto autobiográfico onde recordaria a importância dessa fase de sua vida (175).

TABELA

Primeira coluna: acontecimentos relevantes na vida de Michael Polanyi

Segunda coluna: livros relevantes publicados relacionados com o tema e referidos no texto deste ensaio

Terceira coluna: ano de calendário

Quarta coluna: Publicações de Polanyi relacionados com o tema e referidos no texto deste ensaio (a negrito, livros publicados; em itálico, artigos publicados no tempo de Polanyi)

Russia visit		1928	
		1929	Letter to Karl Polanyi
Harnack House circle	Fieler	1930	
Russia visit		1931	
Russia visit		1932	
Manchester		1933	
		1934	
Russia visit	Webbs; Brutzukus	1935	<i>URSS Economics (1935x)</i>
	Citrine; Gide	1936	Truth and propaganda (1936x); URSS economics pamphlet; Visual presentation lecture
	Simon	1937	Popular Education lecture; Russia lecture
	Lippmann	1938	
	Bernal	1939	Rights and duties of science (1938x); Review of Colin Clark (1939)
		1940	Review of Varga; The Contempt of Freedom (1940x) ; Collectivist planning (CofF)
	Crowther	1941	Liberal conception of freedom; Growth of thought in society (1941x)
		1942	
		1943	Review Laski
		1944	Review Bienstock et al
		1945	Full Employment and Free Trade (1945x)
	Timasheff	1946	Review Baykov

		1947	Review Prokopovitch
Chair of social studies		1948	
		1949	
		1950	
		1951	The Logic of Liberty (1950x)
		1952	
		1953	
		1954	
		1955	
		1956	
		1957	
		1958	Letter to editor, Encounter
		1959	

Notas:

- (1) A revista *The Manchester School* continua a ser publicada regularmente, sendo publicada agora pela John Wiley & Sons e pela Universidade de Manchester. Foram até agora publicados 86 volumes, desde 1930 (ver onlinelibrary.wiley.com/journal/14679957) .
- (2) Coats (2005), p.98
- (3) Depois de chegar a Manchester, Polanyi foi-se progressivamente aproximando da equipe da Economics Research Section e de John Jewkes, em especial desde que este se tornou o líder da secção, em 1936.
- (4) A entrada do filme é: “Desemprego e dinheiro. Os princípios envolvidos. Pelo Professor M. Polanyi. Com a colaboração de Mary Field, R. Jeffryes, Prof. J. Jewkes. Animação por Diagram Films Ltd. and Science Films Ltd. .Edição e supervisão técnica por G.B. Instructional Ltd. Produzido por subscrição privada”. Ver Beira (2015)
- (5) Jewkes fora bolseiro da Fundação Rockefeller nos E.U.A., em 1929-30,.Os contactos de Jewkes com a Fundação faziam-se através do escritório em Paris.
- (6) Polanyi candidato ao Nobel. Alunos com prémio Nobel
- (7) Chantler (1935), Higgins (1935) e McDougall (1935)
- (8) Schumpeter (1935)
- (9) von Mises (1935)
- (10) Polanyi fez uso cuidadoso de distribuição dos seus artigos desta época por personalidades académicas e até políticas. Apesar de aparecer no RPC cópias de listas de distribuição de alguns desses artigos, não encontramos qualquer a lista de distribuição para este ensaio
- (11) Clark (1939)
- (12) Ver transcrição de conferência e discussão em Beira (2018)
- (13) Timasheff (1946). Ver Beira (2018) para uma discussão mais completa.
- (14) Clark (1939), p. 34
- (15) ver adiante a revisão inédita do livro de Colin Clark por Polanyi, secção 11.c.
- (16) Polanyi (1935), p. 81 e Polany (1940), p. 84
- (17) Scott e Moleski (2005), p. 109
- (18) Feiler (1929), edição original em alemão. A tradução inglesa apareceu em 1930.
- (19) Scott e Moleski (2005), p. XXX

- (20) Ver o manuscrito “Suggestions for a new research section” [sugestões para uma nova secção de investigação], datado de 1937. Ver discussão em Beira (2012) e transcrição em Beira (2013), É manifesto que a proposta de nova secção de investigação se inspirava no modelo de Economic Research Section, já então liderada por Jewkes.
- (21) Timosheff (1946), p. 446.
- (22) Feiler (1930), prefácio, p. 5.
- (23) Feiler (1930), p. 69-85
- (24) Feiler (1930), p. 69
- (25) Feiler (1930), p. 80
- (26) Feiler (1930), p. 79, 81 e 83
- (27) Feiler (1930), p. 154-177
- (28) Feiler (1930), p. 177
- (29) Webb (1939)
- (30) Feiler (1930), p. 242
- (31) Feiler (1930), p. 246.
- (32) Feiler (1930), p. 253
- (33) O manuscrito tem 9 páginas dactilografadas, em alemão, salvo os primeiros parágrafos, que foram escritos em húngaro, Ver [RPC\(3,X\)](#).
- (34) Scott e Moleski (2005), p. 120
- (35) Scott e Moleski (2005), p. 121
- (36) Scott e Moleski (2005), p. 121
- (37) Scott e Moleski (2005), p. 121, n.65.
- (38) Scott e Moleski (2005), p. 121
- (39) Crowther (1930). Ver também Beira (2017).
- (40) Crowther (1930b). Ver transcrição em Beira (2017)
- (41) Crowther (1970), p. 66.
- (42) Crowther (1970), p. **XX**. Nos anos seguintes Crowther viria a ser um dos líderes do movimento pelo “planeamento na ciência”, com Bernal, Haldane e outros e Polanyi foi um crítico muito violento das obras de Crowther, em especial o seu livro *Social relations in science* (1941), onde Crowther argumentou que a ciência é um “produto social”. O importante ensaio “The growth of thought in society” (Polanyi, 1941) foi motivado pela crítica à obra de Crowther, aliás na sequência de um pedido, ou sugestão, de Hayek (Beira (2017, n. 12).

- (43) John von Neumann (1903-1957), de origem húngara, um dos grandes cientistas do século XX, com múltiplas contribuições na matemática, física, estatística, computação. Em 1944 publicou um livro sobre teoria dos jogos e comportamento económico, em colaboração com o economista Oskar Morgenstern, uma obra considerada como fundacional da área interdisciplinar de teoria dos jogos.
- (44) Leo Szilard (1898-1964), físico húngaro, que antecipou a reação nuclear em cadeia e que patenteou (com Enrico Fermi) um reator nuclear, em 1934, e outros dispositivos, como o ciclotron. Emigrou em 1933 para o Reino Unido e depois para os EUA, em 1938, onde esteve então na origem e desenvolvimento do projeto Manhattan com a sua famosa carta, em 1939, para Albert Einstein. Antes disso, em 1932, Polanyi intercedeu junto de Einstein para tentar assegurar o seu apoio para uma posição em Princeton para Szilard (RPC(2,X)), com o apoio de Eugene Wigner. Depois da guerra, Szilard dedicou-se mais à biologia e às ciências sociais, incluindo uma reflexão, em várias obras de ficção, sobre o impacto das tecnologias atómicas (e daí o comentário de Polanyi no diário)
- (45) Fritz London (1900-1954), físico alemão de origem judaica, pioneiro no estudo das forças intermoleculares, era professor na Universidade de Berlim quando foi expulso na sequência de grande purga de 1933.
- (46) Eugene Wigner (1902-1995), de origem húngara, físico, matemático e engenheiro, prémio nobel da Física em 1963 pelas suas contribuições para a teoria do núcleo atómico e das partículas elementares. Polanyi orientou o doutoramento de Wigner no KWI.
- (47) Jacob Marshack (1898-1977), economista de origem húngara, habitualmente considerado como o pai de econometria. Emigrou para o Reino Unido e ensinou em Oxford antes de se instalar nos EUA, em 1940.
- (48) Referência a Toni e Gustav Stolper. Toni Stolper (1890-1988), economista de origem austríaca, jornalista, casada com o economista e jornalista Gustav Stolper (1888-1947). Ambos emigraram para os EUA em 1933.
- (49) RPC(41,1). Ver também Beira (2015), p. 47-48. Scott e Moleski (2005), p. 122, datam esta entrada em 1930 - mas está errado. Na realidade a página do bloco calendário onde Polanyi escreveu as notas era relativo ao dia 13 de janeiro de 1930, mas terá sido escrita só depois de março de 1949, já depois de Polanyi ter assumido a cátedra de estudos sociais na Universidade de Manchester, como se

- depreende do texto. Também a pasta do documento citada por Scott e Moleski (2005) está errada: o documento aparece em RPC(43,2) e não em (43,1).
- (50) Haber entretanto falecera no exílio, em maio de 1934, em Basel, Suíça, a caminho da Palestina, depois de se demitir do KWI em agosto de 1933, perante a pressão nazi (ver Beira, 2017b).
- (51) Documento em (RPC(30,X)) Polanyi escreveu um texto sobre essa ocasião em que apelava para a reintegração dos cientistas alemães que tinham resistido ao nazismo no trabalho de investigação científica e na comunidade científica
- (52) Nature (1936)
- (53) Financial News (1936). O U.R.S.S. Handbook (Segal, 1936) foi, na altura, uma fonte importante de estatísticas oficiais soviéticas ou relacionadas.
- (54) Maurice Dobb passou a professor do Trinity College em 1956. Para uma síntese de biografia de Dobb, ver King e Howard (2004)
- (55) “Revisão crítica por Maurice Dobb. Um autor faz alguns erros crassos sobre a U.S.S.R.”. Dobb (1936).
- (56) O jornal, no entanto, faz uma referência bibliográfica completa no final, depois do artigo de Dobb
- (57) Geography (1936)
- (58) Nagy (1994), p. 98
- (59) RPC(3,XX). Carta datada de 13 de julho de 1935 e redigida em húngaro (dez páginas manuscritas).
- (60) RPC(17,XX). Carta de 15 de julho de 1935, manuscrita, também em língua húngara
- (61) Polanyi (1936) e Polanyi (1940), p.96-116, ensaio crítica sobre o livro dos Webbs (1935)
- (62) Nagy (1994), p. xxx
- (63) o seu ensaio “Russia and the crisis” (193X), ver Nagy, p. 99
- (64) Nagy (1994), p.106.
- (65) Nagy (1994), p. 83
- (66) Karl publicar um dos seus ensaios mais importantes, sobre a mentalidade obsoleta do mercado
- (67) Dale (2016), p.256
- (68) Dale (2016) chamou-lhe “as atribulações moscovitas” (p. 139)
- (69) RPC(17, YY). Carta de Karl para Michael, com três páginas manuscrita em inglês, datada 17 de janeiro de 1936.

- (70) Kari (1990), p. 197
- (71) Ver www.renold.com
- (72) RPC(XX,YY)
- (73) Notas de entrevista de Simon com Polanyi, 7 de dezembro de 1932, arquivos de Universidade de Manchester (John Rylands Research Library)
- (74) A revista *New Statesman* foi fundada em 1913 pela casal Webbs e outros dirigentes de Fabian Society. Em 1931 fundiu-se com o semanário liberal *The Nation and Athenaeum* de onde resultou *The New Statesman and Nation*, cuja administração foi liderada por J. M. Keynes. A revista continua influente e a publicar-se (ver www.newstatesman.com)
- (75) Ernest Simon criou em 1943 o Simon Fund, dotado de ações de duas das suas empresas indústrias cotadas no mercado de capitais e cujos dividendos deveriam render cerca de £3,000 anuais (na realidade, acabaram por render muito mais). O fundo era dirigido para a contratação de investigadores seniores na área das ciências sociais, “incluindo sociologia, psicologia social, economia, ciência política e filosofia, administração pública, jurisprudência e educação”, conforme documento fundador do fundo. Foi este fundo que financiou, em 1947-48, a nova cátedra de “teoria social” de Polanyi na Universidade de Manchester, nos seus primeiros anos.
- (76) Scott e Moleski (2005), p. 161.
- (77) RPC(3,4). Carta de E. Simon para M. Polanyi, 6 novembro 1935
- (78) Não conseguimos localizar essa agenda e a lista de pessoas presentes entre a documentação no RPC
- (79) Stocks (1963), p. 104.
- (80) Beira (2014). Para o texto de Polanyi, ver Polanyi (2014)
- (81) Sloman (2015), p. 62
- (82) Simon (1930). [Nota: comentário de Beveridge para Colin Clark]
- (83) Ver também Middleton (2004)
- (84) Stocks (1963), p. 89
- (85) RPC(3,YY). Carta de H. Clay para M. Polanyi, 5 dezembro 1935
- (86) RPC(3,XX). Carta de O. Jaszi para M. Polanyi, 24 novembro 1935
- (87) Sobre a febre do movimento “stakhanovista”, ver artigo no *The Manchester Guardian*, 20 de fevereiro de 1936. Ver transcrição em Beira (2017)
- (88) Brutzukus (1935)
- (89) RPC(3,7). Carta de O. Jaszi para M. Polanyi, 22 agosto 1936

- (90) Referência óbvia ao livro *Soviet Communism* dos Webbs (1939)
- (91) Lippmann (1937), p. XXX; Scott e Moleski (2005), p. 161.
- (92) Lippmann (1937), p xxx
- (93) RPC(xx,yy). Carta de O. Jaszi para M. Polanyi, 23 de Março de 1941
- (94) RPC(04,yy). Carta de M. Polanyi para W. Lippmann, xx de dezembro de 1940
- (95) Nos anos 40 não chegou a ser feita qualquer edição americana, mas em 1975 a Arno Press, uma empresa do grupo New York Times, publicou *The Contempt of Freedom* - na realidade, uma reimpressão da edição original de 1940.
- (96) A obra de Mannheim revista por Jaszi foi *Man and Society in an Age of Reconstruction*, 1940, cujo argumento Jaszi define como sendo um apelo para o “planeamento totalitário de sociedade”, em face das dificuldades criadas pela “sociedade das massas, a economia do laissez faire e a revolução tecnológica, que criaram condições cada vez mais caóticas, que não se podem curar pelos remédios do liberalismo do século XIX”. Apesar disso, Jaszi vaticina que a obra de Mannheim “permanecerá por muito tempo como uma conquista notável no seu domínio”
- (97) Scott e Moleski (2005), p. 123
- (98) LIFE (1944), p. 15
- (99) RPC(xx,yy). Carta de M. Polanyi para A. Frumkin, xx de Março de 1935
- (100) Ver Ossinsky (1931)
- (101) RPC(xx,yy). Carta de M. Polanyi para A. Frumkin, 14 de dezembro de 1935
- (102) Essa visita nunca se terá concretizado
- (103) Scott e Moleski (2005), p.155
- (104) Ver testemunho de Barbara Striker, cunhada de Eva Striker, em Gulick (2003)
- (105) Dale (2016), p. 142
- (106) Nagy (1994), p. 100-101; Dale (2016), p. 142
- (107) Scammell (2009) p. xxx
- (108) *Darkness at noon* [escuridão a meio do dia], publicado em 1940. Traduzido para português com o título “O zero e o infinito” e publicado em 1947.
- (109) Sobre a sua obra como designer de cerâmica, ver Striker (2004) e Young et al. (2003)
- (110) Hamilton (2011)
- (111) Web of Science e o Google Scholar (Beira, 20XX).
- (112) Tanto o panfleto (1936) como o livro (1940) aparecem no books.google.com (mas ambos apenas em “snippet view”)

- (113) Referenciado no Google Scholar na forma de [citation] - embora o livro apareça no books.google.com, mas apenas com “snippet view”.
- (114) Estranhamente, pois ambos aparecem no books.google.com, como referido.
- (115) Note-se a escala logarítmica para a ordenada, para facilitar uma visualização mais fácil da distribuição temporal das citações.
- (116) Polanyi (1940), prefácio, p. vii
- (117) Agradecimentos a Amanda Main, Fryer Librray (The University of Queensland) pela colaboração e informações prestadas (mail de 23 de agosto de 2017)
- (118) Agradecimentos a Helen Sumping, Brasonese College (Oxford) pela colaboração e informações prestadas (mail de 24 de maio de 2018)
- (119) RPC(xx,yy). Carta de M. Polanyi para P. Blackett, 28 de outubro de 1941
- (120) Nye (2004) e Hore (2004) são biografias importantes de P. Blackett que retratam as aproximações (pessoais) e as divergências (ideológicas) entre Blackett e Polanyi.
- (121) Dalton (1935)
- (122) Arndt (1988)
- (123) Colin Clark Lecture, University of Queensland, 22 de agosto de 2003. Versão sumária publicada como Maddison (2004)
- (124) Clark (1932)
- (125) Clark (1937)
- (126) Clark e Crawford (1938)
- (127) Clark (1940)
- (128) Pattern (2004), p. 223
- (129) purchasing power parity [paridade de poder de compra]
- (130) RPC(xx,yy). Carta de M. Polanyi para J. Jewkes, xx de junho de 1941
- (131) Conforme nota manuscrita de Polanyi em cópia do texto, ver Gelwick Microfilm Collection (1963)
- (132) Clark (1939), p.1.
- (133) Clark (1939), p. 2, para além de mais quatro pessoas.
- (134) Clark (1939), p. 3
- (135) Clark (1939), p. 11
- (136) Clark (1939), p. 26-28
- (137) Clark (1939), p. 34
- (138) Clark (1937), tabela 94, p. 208

- (139) Clark (1939), p. 41
- (140) Clark (1939), p.51
- (141) Clark (1939), p. 69.
- (142) Clark (1939), p. 46.
- (143) Clark (1940), p. 163
- (144) Clark (1940), p. 191
- (145) Clark (1940), p. 19. Para 1929, as equivalências entre a U.I. e as moedas americana e britânica eram 1 USD. (1929) = 0.924 U.I., 1 UKP = 5.27 U.I. (p. 27).
- (146) Merry (1939), Hubbard (1939), Truesdell (1939), Dobb (1939), Helmreich (1940), Lenschow (1941), Hayeck, (1941)
- (147) Esta revisão não aparece identificada na bibliografia em Scott e Moleski (2005), nem se conseguiu detetar por pesquisas na web, inclusive pelo Google Scholar. Também não aparece no arquivo digital do *The Manchester Guardian*, onde foram publicadas várias revisões críticas escritas por Polanyi nos anos quarenta. O manuscrito está em RPC(26,1).
- (148) Não conseguimos identificar a publicação a que polanyi se queria referir. Na *The Manchester School* também não conseguimos identificar qualquer artigo relacionado e publicado em 1934, como sugerido no texto.
- (149) Manuscrito em RPC(26,4), datado de Março de 1940. Ver Varga (1936) [Dois sistemas: economia socialista e economia capitalista].
- (150) RPC(26,4). Uma anotação manual na primeira página do manuscrito parece sugerir a sua publicação no *The Manchester School*, em Março de 1940 - mas a verdade é que nunca aí foi publicado. RPC. Ou talvez fosse essa a intenção inicial de Polanyi, que por alguma razão não se terá concretizado. A nota (6) do terceiro capítulo de *The Contempt of Freedom* (1940) recupera parte do texto, com citações da obra de Varga.
- (151) Ver Laski (1943) [Uma reflexão sobre a revolução no nosso tempo]. Este texto Polanyi (1943) aparece referenciado como 1943h na bibliografia em Scott e Moleski (2005). Ver transcrição em Beira (2017), item #21.
- (152) Ver Feiler e Marshack (1944) [A indústria soviética. Gestão na indústria e na agricultura russa]. Este trabalho de Polanyi (1944) não aparece referenciado na bibliografia publicada em Scott e Moleski (2005). Ver transcrição em Beira (2017), item #24.
- (153) RPC(30,X). Ver Baykov (1946) [A economia soviética. Desenvolvimento do sistema económico soviético]. Este trabalho de Polanyi (1946) também não

- aparece referenciado na bibliografia publicada em Scott e Moleski (2005). Ver transcrição inicial do texto no *The Manchester Guardian* em Beira (2017), item #41.
- (154) Ver Prokopovich (1947) [A economia russa com os sovietes]. Este trabalho de Polanyi (1947) também não aparece referenciado na bibliografia publicada em Scott e Moleski (2005).
- (155) Lissner (1947)
- (156) Maddison (2004)
- (157) Seymour (1947) na edição temática da *Review of Economics and Statistic* (editada pela MIT Press) sobre “avaliações das estatísticas económicas russas”. As outras contribuições foram Clark (1947), Gerachenkron (1947), Baran (1947), Bergson (1947) e Yugow (1947).
- (158) Para uma discussão adicional das estatísticas soviéticas, ver Jasny (1950), Dobb (1949), Bergson (1953), Schwartz (1947)
- (159) Wheatcroft e Davies (1994) in Davies et al (1994)
- (160) Ellman (2008)
- (161) Ellman (2014), p. 12-14
- (162) Jefferies (2014), p. 5 e 25
- (163) Wiles (1964)
- (164) Ver transcrição e análise em Beira (2018)
- (165) Polanyi (1935), p. 78. Também em Polanyi (1940), p. 79
- (166) reproduzidos em Beira (2018)
- (167) Polanyi (2014) e Beira (2014).
- (168) Como vimos, esta idéia aparece já em Polanyi (1943), na revisão do livro de Laski (1943) (ver secção 14.b)
- (169) Polanyi (1945), p. XX
- (170) Harrison (2000)
- (171) Clark (1958)
- (172) Polanyi (1958)
- (173) Este texto não aparece referenciado na bibliografia de Polanyi em Scott e Moleski (2005)
- (174) Polanyi (1951)
- (175) Polanyi (1966)

Referências:

Arndt H.W. (1988), “Colin Clark”. In: Ironmonger D., Perkins J.O.N., Van Hoa T. (eds) *National Income and Economic Progress*. Palgrave Macmillan, London

Baran, P., “National Income and Product of the U.S.S.R. in 1940”, *Review of Economic Statistics*, 29 (nº. 4) 1947, p. 226-234

Baykov, A., *Soviet Economics. The Development of the Soviet Economic System: an essay on the experience of planning in the U.S.S.R.*, Cambridge University Press, 1946

Beira, E., *Michael Polanyi: Fifty years later, how important is his impact? A bibliometric approach, contrasting ISI and Google Scholar*, Working Paper WP102, 2010
(Universidade do Minho) (**)

Beira, E., "Inovação e concorrência em serviços de informação académicos: de Eugene Garfield ao Google Scholar", *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Edição especial "Investigação em sistemas de informação", 2º semestre 2010. Também Working Paper WP105, 2010b (Universidade do Minho) (**)

Beira, E., “Michael Polanyi: three unpublished texts about The Economic Film”, Working Paper 128, 2013 (Universidade do Minho) (*)

Beira, E., *Rediscovering, the economic film by Michael Polanyi (1940)*, Working Paper 129, 2013b (Universidade do Minho) (*)

Beira, E., ""Visual presentation of social matters" as a foundational text of Michael Polanyi", *Tradition and discovery. The Polanyi Society Periodical*, XLI (nº2) (2014) 6-12

Beira, E., “Unemployment and money” (Polanyi 1940): *Handbook e subtítulos para o filme, em português*, Working Paper 130, 2015 (Universidade do Minho) (*)

Beira, E., “Michael Polanyi: perspectiva e atualidade”, in Beira e Heitor (eds) (2015)

Beira, E., "'On Popular Education in Economics": another foundational text of Michael Polanyi thought", *Tradition and discovery. The Polanyi Society Periodical*, XLI I (nº3) (2016) 8-24

Beira, E, *Michael Polanyi in the press: The Manchester Guardian (1928-1939)*, Working Paper WP120b, 2017 (IN+) (**)

Beira, E, *Michael Polanyi in the press: The Manchester Guardian (1940-1949)*, Working Paper WP135, 2017b (IN+) (**)

Beira, E, *Michael Polanyi and friends in chemistry: George Sachs, Fritz Haber and Richard Ogg*, Working Paper WP138, 2017c (IN+) (**)

Beira, E., *Michael Polanyi (1937): On the 20th anniversary of the Russian Revolution*, Working Paper WP134b, 2018 (IN+) (**)

Beira, E. e M. Heitor (eds), *Ciência, Sociedade e Tecnologia: ensaios sobre Michael Polanyi*, Inovatec (Portugal), 2015

Bersgon, A., "A problem in Soviet Statistics", *Review of Economic Statistics*, 29 (nº. 4) 1947, p. 234-242

Bergson, A., Reliability and usability of soviet statistics: a summary appraisal, *The American Statistician*, 7 (nº 3) 1953, p. 13-16

Brutzukus, B., *Economic Planning in Soviet Rússia*, George Routledge & Sons, 1935

Chantler, P., "The valuation problems in public utility regulation in the United States", *The Manchester School*, 6 (nº 2), 1935, p. 90-102

Citrine, W., *I search for truth in Rússia*, George Routledge & Sons, 1936 (edição revista, 1938)

Clark, C., *The National Income 1924-1931*, McMillan & Co., 1932

Clark, C., *The National Income and Outlay*, Frank Cass & Co, 1937

Clark, C. e J. Crawford, *The National Income of Austrália*, Angus it Robertson, 1938

Clark, C., *A Critique of Russian Statistics*, MacMillan & Co., 1939

Clark, C., *The Conditions of Economic Progress*, Macmillan & Co., 1940

Clark, C. "Russian Income and Production Statistics." *Review of Economic Statistics*, 29, no. 4 (1947), p. 215-217.

Clark, C., "What's wrong with economics? From fallacy to fallacy in one generation", *Encounter*, n° 55 , Abril 1958, p. 15-23

Clark, R., *J.B.S: The life and Work of J.B.S Haldane*, Bloomsbury Publishing, 2011

Coats, A. W. B., *The Sociology and Professionalization of Economics*. British and American Economic Essays, Volume 2, Routledge, 2005

Crowther, J., "Research in Germany. A great organization", *The Manchester Guardian*, 4 de setembro de 1930, p. 7. Ver transcrição em Beira (2017)

Crowther, J., "Famous chemist and organizer gives the credit of close relation of science and business", *The New York Times*, 19 de outubro de 1930. Ver transcrição em Beira (2017)

Crowther, J., *Fifty years in science*, Barrie & Jenkins, 1970.

Dale, G., *Karl Polanyi. A life on the left*, Columbia University Press, 2016

Dalton, H., *Practical Socialism for Britain*, G. Routledge, 1935

Davies, R., M. Harrison, S. Wheatcroft (eds), *The Economic Transformation of the Soviet Union, 1913-1945*, Cambridge University Press, 1994

Dobb, M., “Review by Maurice Dobb. An Author Makes Some Odd Mistakes About The U.S.S.R.”, *Daily Workers*, 23 Março 1936

Dobb, M., “A Critique of Russian Statistics by Colin Clark”, *Science & Society*, 4 (nº1) 1940, p.85-90

Dobb, M., Comment on soviet economic statistics, *Soviet Studies*, 1 (1949) p.18-27

Dobb, M. e H. Schwartz, Further Appraisals of Russian Economic Statistics, *The Review of Economics and Statistics*, 30 (nº. 1) 1948, pp. 34-41

Ellman, “The political economy of Stalinism in the light of the archival revolution”, *Journal of Institutional Economics*, 4 (nº 1) 2008, p. 99-125

Ellman, M., *Socialist Planning*, Cambridge University Press, 2014

Feiler, A., *Experiment der Bolshevismus*, Abteilung, 1929.

Feiler, A. *The experiment of Bolshevism*, Tradução de H. Stenning, George Allen & Unwin Ltd, 1930

Feiler, A. e J. Marshack (eds.), “Soviet Industry. Management in Russian Industry and Agriculture, By Gregory Bienstock, Solomon M. Schwarz and Aaron Yugow”, *The Manchester Guardian*, XXXXX.

Financial News, “U.S.S.R. guide and critique. The problem of objectivity”, *Financial News*, 2 Março 1936

Geography, “U.S.S.R. Economics: Fundamental Data, System and Spirit. M.Polanyi”, *Geography*, XXXX, Março 1936

Gerschenkron, A., “The Soviet Indices of Industrial Production”, *Review of Economic Statistics*, 29 (nº. 4) 1947, p. 217-226

Gulick, W., “Letters about Polanyi, Koestler and Eva Zeisel”, *Tradition and Discovery*, 30(2) (2003-2004) p. 6-10

Haldane, J., *Título, The New Statesman and Nation*, 19 (xx yyyy 1940) p. zzz

Hamilton, W., “Eva Zeisel, Ceramic Artist and Designer, Dies at 105”, *The New York Times*, 30 december 2011

Harris, S. , “Appraisals of Russian Economic Statistics”, *Review of Economic Statistics*, 29 (n° 4) (1947) 213-214

Harrison, “Soviet industrial production, 1928 to 1955: real growth and hidden inflation”, *Journal of Comparative Economics*, 28 (n° 1) 2000, p. 134-155

Hayek, F., “The Contempt of Freedom: the Russian experiment and after. By M. Polanyi, 1940. A Critique of Russian Statistics. By Colin Clark, 1939”, *Economica*, 8 (n° 30) Maio 1941, p. 211-214

Helmreich, E. C., “A Critique of Russian Statistics by Colin Clark”, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 207 (Jan., 1940), p. 26

Hill, A., *Título, The New Statesman and Nation*, 19 (xx yyyy 1940) p. zzz

Hore, P., *Patrick Blackett: sailor, scientist, socialist*, Routledge, 2004

Hollander, P., *Political Pilgrims: Travels of Western Intellectuals to the Soviet Union, China and Cuba*. Harper, 1983

Hubbard, L., “A Critique of Russian Statistics by Colin Clark”, *International Affairs*, 18 (n°4) 1939, p. 587-588

Huggins, B., “W S Jevons - a centenary estimate”, *The Manchester School*, 6 (n° 2), 1935, p. 103-111

Jasny, N., “Soviet Statistics”, *The Review of Economics and Statistics*, 32 (n° 1) 1950, p. 92-99

Jaszi, O., “Reviewed Works: Man and Society in an Age of Reconstruction by Karl Mannheim; The Contempt of Freedom. The Russian Experiment and After by M. Polanyi” *The American Political Science Review*, Vol. 35, No. 3 (Jun., 1941), pp. 550-553

Jefferies, W., *Measuring National Income in the Centrally Planned Economies: Why the West Underestimated the Transition to Capitalism*, Routledge, 2014

Kari Polanyi-Levitt (ed.), *The life and work of Karl Polanyi*, Black Rose Books, 1990
King, J. e M. Howard, “Dobb, Maurice Hebert (1900-1976)”, in Rutherford (2004), vol. II, p. 328-332.

Laski, H., *Reflection on the Revolution of Our Time*, Viking Press, 1943

Lenschow, “A Critique of Russian Statistics by Colin Clark”, *Weltwirtschaftliches Archiv*, 54. Bd. (1941), pp. 136-143

LIFE, “Speaking of pictures ... portraits introduce great soviet scientists”, LIFE, 23 outubro 1944, p. 15

Lippmann, W., *An Inquiry into the Principles of the Good Society*, Little, 1937

Lissner, W., “Soviet statistics on growth found “biased” by experts”, *The New York Times*, 20 outubro 1947

Maddison, A., “Quantifying and interpreting world development: macromasurement before and after Colin Clark”, *Australian Economic History Review*, 44 (nº 1), 2004, p. 1-34

Mannheim, K., *Man and Society in an Age of Reconstruction: Studies in Modern Social Structure*, Harcourt, Brace & Co., 1940

McDougall, A., “The American constitutional system”, *The Manchester School*, 6 (nº 2), 1935, p. 112-116

McRobbie, *Humanity, society and commitment. On Karl Polanyi*, Black Rose Books, 1994

Merry, D., “A Critique of Russian Statistics by Colin Clark”, *The Australian Quarterly*, 11 (nº3) 1939, p.110-111

Middleton, R. “Clay, Henry (1983-1954”, in Rutherford (2004), p. 231-234

Nagy, E. , “After Brotherhood’s Golden Age: Karl and Michael Polanyi”, in McRobbie (1994), p. 81-112

Nature, “Population and Production in the U.S.S.R.”, *Nature*, vol. 137, p. 977–978 (13 June 1936)

Nye, M., *Blackett: Physics, War and Politics in the Twentieth Century*, Harvard University Press, 2004

Nye, M., *Michael Polanyi and his generation: origins of the social construction of science*, University of Chicago Press, 2011

Ossinsky, V. et al, *Social Economic Planning in the Union of Soviet Socialist Republics: Report of Delegation from the U.S.S.R. to the World Economic Congress in Amsterdam, August 23-29, 1931*, International Industrial Relations Association, 1931

Pattern, C., “Clark, Colin Grant (1905-89)” in Rutherford (2004)

Polanyi., M., “U.S.S.R. Economics - fundamental data, system, and spirit”, *The Manchester School*, 6 (nº 2), 1935, p. 67-88

Polanyi, M., “Truth and propaganda”, *The Manchester School*, 7 (nº 2) 1936, p. 105-118

Polanyi, M., *The Contempt of Freedom: the Russian experiment and after*, Watts, 1940

Polanyi, M, “Science in USSR”, *The New Statesman and Nation*, 19 (10 february 1940) p. 174

Polanyi, M., “Mr. Laski’s Thesis. Reflection on the Revolution of Our Time , by Harold J. Laski. By Michael Polanyi”, *The Manchester Guardian*, 8 Outubro 1943, p. 3

Polanyi, M., “Soviet Industry. Management in Russian Industry and Agriculture, By Gregory Bienstock, Solomon M. Schwarz and Aaron Yugow. Edited by A Feiler and J Marshack.”, *The Manchester Guardian*, 18 Abril 1943, p. 3

Polanyi, M., *Full Employment and Free Trade*, Cambridge University Press, 1945

Polanyi, M., “Soviet Economics. The Development of the Soviet Economic System, by Alexander Baykov”, *The Manchester Guardian*, 27 Março 1946, p. 3

Polanyi, M. *The logic of liberty. Reflections and rejoinders*. University of Chicago Press, 1951

Polanyi, M., “Russlands Volkswirtschaft unter den Sowjets by S. N. Prokopovicz”, *Economica*, 14 (nº 54) 1947, pp. 156-158

Polanyi, M., Letter to editor, *Encounter*, nº 56, junho 1958, p. 69-70

Polanyi , M., “**Michael Polanyi (March 11, 1091 –)**”, *Midcentury*

Polanyi, M., "Visual presentation of social matters", *Tradition and discovery. The Polanyi Society Periodical*, XLI (nº2) (2014) 13-24

Polanyi, M., "On Popular Education in Economics", *Tradition and discovery. The Polanyi Society Periodical*, XLII (nº3) (2016) 25-34

Prokopovicz, S., *Russlands Volkswirtschaft unter den Sowjets*, Europa-Verlag, 1944.

Rutherford, D. (ed), *The Biographical Dictionary of British Economists*, 2 volumes, Thoemmes Continuum, 2004

Schumpeter, J., *The Theory of Economic Development*. Tradução de Redvers Opie, Harvard University Press, 1935

Segal, L., *U.S.S.R. Handbook*, V. Gollancz, 1936

Schwartz, H., "On the use of Soviet Statistics", *Journal of the American Statistical Association*, 42 (nº 239) 1947, p. 401-406

Scott, W. e M. Moleski, Michael Polanyi. Scientist and philosopher. Oxford University Press, 2005

Seymour, E. H., "Appraisals of Russian Economics Statistics. Introduction". *Review of Economics and Statistic*, 29 (nº4) 1947, p. 213-214

Simon, E., "Some questions about free trade", *The Political Quarterly*, 1 (nº 4) 1930, p. 479-495

Sloman, P., *The liberal party and the economy, 1929-1964*. Oxford Historical Monographs, Oxford University Press, 2015

Scammell, M., *Koestler: The indispensable intellectual*, Faber & Faber, 2009

Stanfield, J., "Karl Polanyi and contemporary economic thought", in Kari Polanyi-Levitt (1990), p. 183-287

Stocks, M., Ernest Simon of Manchester, Manchester University Press, 1963

Timasheff, N., *The great retreat. The growth and decline of communism in Rússia*, E. P. Dutton & Co., 1946

Tredoux, G., *Comrade Haldane Is Too Busy to Go on Holiday: The Genius Who Spied for Stalin*, Encounter Books, Apr 24, 2018

Truesdell, L., "A Critique of Russian Statistics. By Colin Clark", *American Sociological Review*, 5 (nº 3) 1940, p. 452-453

Varga, E., *Two Systems: Socialist Economy and Capitalist Economy*, Lawrence and Wishart, 1939

von Neumann, J. e O. Morgenstern, *Theory of games and economic behavior*, Princeton University Press, 1944

von Mises, L., *The Theory of Money and Credit*. Tradução de H. E. Batson. Introdução por Lionel Robbins, Cape, 1935

Webb, B. e S. Webb, *Soviet Communism: a new civilization?*, Longmans, Green and Company, Limited, 1935

Wheatcroft, S. e R. Davies, “The crooked mirror of soviet economic statistics” in Davies et al (1994)

Wiles, P. *The political economy of communism*. Harvard University Press, 1964

Young, L., M. Bartolucci e R. Cabra, *Eva Zeisel*, Chronicle Books, 2003

Yugow, A., “Economic Statistics in the U.S.S.R.”, *Review of Economic Statistics*, 29 (nº. 4) 1947, p. 242-246

Ziesel, E., *Eva Zeisel on design: the magic language of things*, Overlook Press, 2004

(*) <https://sites.google.com/site/ebeira/pollb>

(**) https://sites.google.com/site/ebeira/mp_wps

<https://sites.google.com/site/ebeira/base-2-fora/base-2-1/home>